

“EM NOME DO CÉU, O QUE É MUSEOLOGIA”? PERSPECTIVAS DE MUSEOLOGIA ATRAVÉS DE PUBLICAÇÕES

Suehy Moraes Cerávolo*

CERÁVOLO, S.M. “Em nome do céu, o que é Museologia”? Perspectivas de Museologia através de publicações. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 14: 311-343, 2004.

RESUMO: A busca e construção de um corpo de teoria para a Museologia foi foco de atenção do ICOFOM (Comitê Internacional da Museologia/ICOM), particularmente em meados dos anos 70 e durante a década de 80 do século XX. Investigando dois tipos de publicações dessa área, as de difusão correspondendo ao momento da produção da ciência entre pares, e as de divulgação voltadas para o público em geral, confirma-se a variedade de temas que contribuíram e contribuem para a concretização de sua cultura científica. As publicações constituem um aspecto estratégico de difusão e divulgação e as diferentes publicações o desenvolvem diferentemente, mas ambas reforçam a disseminação da teoria construída e enunciada, e a prática divulgada para os profissionais. Apontam-se as razões, no cerne da construção teórica, do “problema terminológico”, associado à procura e anseio por identificar o objeto de estudo da Museologia, bem como os temas e as coberturas (capas) utilizadas para reforçar as representações para o destinador público especializado.

UNITERMOS: Museologia – Terminologia em Museologia.

Revistas de difusão e de divulgação

“Em nome do céu o que é Museologia”? trata-se de uma expressão redigida por Vinos Sofka, um personagem “pai”¹ do ICOFOM (Comitê Internacional da ou para Museologia) instituído em 1977,² no bojo do Conselho Internacional de Museus (ICOM) associado à Unesco (Organização das

Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura). Essa expressão encerra o primeiro número da *MuWoP/DoTraM* (*Museological Working Papers* em inglês; *Documents de Travail sur la Muséologie* em francês), o reabre no segundo e último número e faz parte do diálogo que Sofka procura manter com seus leitores. A expressão – um desabafo –, também reflete uma ansiedade por uma determinada busca sobre Museologia, instaurada em meados dos anos 80 do século XX, provavelmente muito facilitada pela atuação desse comitê de abrangência internacional.

Algumas revistas especializadas da área de Museologia nos trazem ricas informações sobre esse período uma vez que, as idéias, segundo Roger Chartier, não estão “desencarnadas” pois se inscrevem no objeto de leitura (Chartier 1991: 180). Nosso objetivo é apresentar e comentar

(*) Departamento de Museologia/FFCH/UFBA.

(1) Martin R. Schaer apresenta Vinos Sofka como um dos “pais, arquiteto e *pater familias*” responsável pela formação da comunidade do ICOFOM ao redor do mundo (Schäer 1995, *Foreword*, s/no).

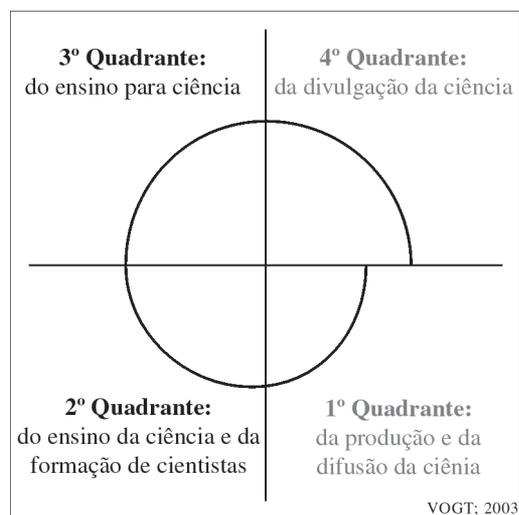
(2) Durante a 11ª Conferência Geral do ICOM, Leningrado (hoje São Petersburgo) (Bagahali.; Baoylan; Herreman 1998: 98).

certas publicações – duas que tratam da teoria, e uma que trata da prática – dessa área específica, pois nelas deparamos com muitos elementos utilizados na modelagem da Museologia.

As publicações objetivadas como teóricas foram desenvolvidas pelo ICOFOM paralelamente ao questionamento inicial de encontrar, responder ou descobrir do que tratava Museologia; e o periódico *Museum*, publicado pela Unesco, assume, nesse quadro que compomos, a figuração da prática, daquilo que foi divulgado.

Faz-se aqui a distinção entre ‘difusão’ e ‘divulgação’ com base na proposta explicativa do processo da *cultura científica* de Carlos Vogt (da produção à inserção da ciência e tecnologia no cotidiano). O intento de Vogt é apresentar o modo como ocorre a comunicação e as respectivas atividades para o incremento dessa cultura. Há uma conexão, explica, de três etapas desse processo: a da produção e difusão, a do ensino e a da divulgação da ciência. Vogt se apóia numa figura em espiral (a *espiral da cultura científica*) para situar as etapas em quatro *quadrantes* interligados pelo movimento da espiral; um movimento contínuo que ao voltar ao ponto inicial (o da produção) o faz acrescido de toda uma bagagem acumulada (itálico do autor; Vogt 2003).

No primeiro quadrante se dá a produção e *difusão* da ciência num trabalho entre pares; no segundo quadrante o ensino e formação de cientistas, no terceiro o ensino *para* a ciência e, complementando o ciclo as atividades próprias da comunicação da ciência, a *divulgação* da ciência no quarto quadrante. Em cada uma delas há destinadores e destinatários.



No primeiro quadrante, etapa de produção, os destinadores e destinatários são os próprios cientistas e, dentre as instituições Vogt cita como exemplo, as universidades, centros de pesquisa, órgãos governamentais, agências de fomento, congressos e revistas científicas. No segundo (o do ensino da ciência e formação de cientistas), os destinadores são os cientistas e professores e, os destinatários, os estudantes (como instituições prováveis: as universidades, o sistema de ensino fundamental e médio e a pós-graduação). No ensino para a ciência (3º quadrante), os destinadores são os cientistas, professores, diretores de museu, animadores culturais e os destinatários os estudantes (especialmente o público jovem com a mediação de equipamentos culturais – como os museus –, para interagir com o conhecimento científico). No quarto e último quadrante (divulgação da ciência), os destinadores são os jornalistas e cientistas e, os destinatários, a sociedade organizada em suas diferentes instituições com o apoio das revistas de divulgação científica, jornais, programas de televisão etc.. (Vogt, op.cit.: 5 e 6).

Nos interessa particularmente situar as revistas com que tratamos e, por esse esquema (e categorização) observa-se a inserção das revistas científicas no plano da produção e difusão da ciência num círculo mais restrito, uma vez que é formado pelos pares ao mesmo tempo seus agentes produtores. Já, as revistas de divulgação científica estão situadas no quarto quadrante, plano da interlocução e interação da ciência e tecnologia para um público não necessariamente conhecedor dos temas tratados na fase de produção. Ficam diferenciadas as revistas científicas e as de divulgação da ciência situadas em pontos distantes da espiral mas conexos entre si. Vogt não se refere a outras ações que acompanham tal produção mas exemplifica e deixa em aberto a possibilidade de aplicação de seus quadrantes.

Tal concepção espiralada da comunicação permite integrar no mesmo processo as ações de produção e divulgação promovidas pelo ICOFOM na qual se inserem as revistas *MuWoP/DoTraM* e *ISS*, e a *Museum* da Unesco.

Sob a luz do primeiro quadrante (de produção e difusão entre pares) nos podemos aproximar das publicações do ICOFOM, nas quais ressalta-se o interesse em imprimir um cunho

científico para a área, particularmente na *MuWoP/DoTraM*, cujo objetivo foi procurar esclarecer o seu objeto de estudo. Nela apresentam-se situações de época narradas e registradas em suas páginas; ressaltamos as intenções editoriais, a estruturação das seções, os autores e suas credenciais e retomamos trechos que exemplificam problemas surgidos quando, ao debater Museologia, encontraram como obstáculo o “problema terminológico” que aqui será somente apresentado. Os artigos dessa publicação são denominados ‘documentos de trabalho’. São textos sucintos com o objetivo de discorrer sobre a natureza da Museologia; aquilo que seria seu núcleo. Na *ISS* são os temas que marcam o mundo de referência e nos apresentam um perfil marcado da área. Ambas visavam instituir bases teóricas, de certo modo para conscientizar, pelo debate, o comitê e seus participantes (além do ICOM) dos problemas que lhe seriam específicos, de tal forma que ela fosse abordada como ciência.

A luz para apresentar a revista *Museum* vem do quarto quadrante, o da divulgação. Nela ressaltamos as propostas editoriais, o tratamento no suporte físico, material, através de imagens de suas capas, os temas que dissemina para informar e atualizar os profissionais da área de museus.

Tal apresentação não é simétrica; nem todos os aspectos são igualmente comentados para cada uma das publicações. Essas publicações diferem entre si, contudo, da sinergia de suas semelhanças e diferenças, podem se abrir perspectivas de compreensão para o leitor de hoje fazendo-o acompanhar discussões, debates, reflexões expondo dificuldades e tentativas, e a própria representação dos museus para seus profissionais.

De modo geral, as publicações fazem parte de iniciativas para inscrever, garantir ou fortalecer um projeto de difusão e divulgação que, no caso de temas especializados, tem um círculo especial de destinatários. Por essas razões elas também se investem de funções a desempenhar e missões a cumprir, na medida em que, circulando, informam, propagam, atualizam, instruem e, dependendo do objetivo editorial, são um foco do qual se espraiam regras, recomendações, indicações de práticas, de leituras e assim por diante.

A própria apresentação das publicações impressas, tais como as características gráficas, as

formas de estruturação dos sumários, índices e seções, as capas, as imagens usadas, nos dão indicações sobre as escolhas e opções dos editores por determinados elementos, sendo fruto de uma série de ações planejadas para “tocar” ou desenhar um público, como resalta Maria Rita de Almeida Toledo (aspas duplas da autora; Toledo 2001: 100). Por isso, as revistas de áreas de especialização podem ser vistas como parte de uma estratégia planejada para dar força tanto à formação como à disseminação do corpo de conhecimentos de uma dada área no seu conjunto, particularmente as publicações temáticas com assuntos específicos voltados para um leitor também específico.

É necessário explicitar que se manifesta, pelas revistas, uma faceta particular da comunicação concretizada, neste caso, pela linguagem escrita, que integra um vocabulário de especialidade (o vocabulário da área). Ao promover o fluxo de mensagens essa comunicação aciona uma série de funções, dentre as quais informar, persuadir e convencer que pretende um consenso de opinião, se não de todos, ao menos de um certo número de pessoas, pelas opções efetuadas, responsáveis pela consolidação de determinados significados em detrimento de outros no emprego do vocabulário. Trata-se de uma comunicação com características particulares, denominada, para fins de terminologia, comunicação especializada (cf. Cabré 1993, 1999).

Como as publicações citadas diferem entre si, convém apresentar algumas de suas características que as particularizam.

Algumas características das publicações

Os textos de cada uma dessas publicações – *MuWoP* e *ISS* – estão estruturados diferentemente. Nas revistas do ICOFOM são redigidos pelos colaboradores vinculados ao comitê (os membros participantes), procurando desenvolver a temática através de argumentos descritivos e analíticos sobre o que seria a vertente teórica do tema proposto. Na revista *Museum*, além da diversidade de autores e de sua procedência, os artigos não seguem um pré-roteiro, diferindo, portanto, do que ocorre nas citadas publicações do ICOFOM.

A idéia de produzir publicações surgiu nos primórdios do ICOFOM, para o que seus membros providenciaram a formação de um comitê

editorial³ com tarefa de elaborar um plano temático. Sua primeira tarefa era a de definir o termo museologia – o ponto do qual partiria o plano temático –, a ser discutido por autores selecionados entre pessoas que atuavam em museus e tidos por Vinos Sofka (o editor) como eminentes especialistas. A meta era esboçar uma definição comum sobre Museologia.⁴ O empreendimento exporia diferenças de opiniões, demonstrando que, nesse momento de produção e difusão da Museologia, contava-se com a conjunção de esforços para uma reflexão numa mesma direção, ainda que, para os europeus orientais, se tratasse mais de uma continuidade pois já a discutiam anteriormente.⁵

Da perspectiva do ICOFOM, discutir as bases da Museologia – pouco debatidas, na opinião de Sofka –, pretendia ativar uma verdadeira cultura científica dessa área, ao mesmo tempo em que, engajando o comitê aos projetos

da Unesco, poderia desenvolver e efetivar a cooperação e o intercâmbio de experiências sobre museus num plano internacional para a pesquisa em Museologia; um meio de contribuir para o fluxo contínuo de informações entre instituições e seus profissionais respondendo, portanto, aos objetivos daquele organismo internacional. Discuti-la no âmbito desse comitê ajudaria a criar ou fundamentar elementos teóricos para subsidiar o Tratado de Museologia, pela condensação de teoria e prática, um objetivo do ICOM. É dentro desse espírito que os documentos de trabalho são elaborados, com vistas à divulgação dos debates sobre os problemas fundamentais que a atingiam,⁶ servindo como prospecção teórica para o Tratado, visando suplementá-lo e dinamizá-lo e não com ele competir.⁷ O cunho a ser dado a esses documentos seria “teórico e metodológico”, dirigido para os que trabalhavam em museus, firmando o pretendido fluxo e intercâmbio de informações.

Por se tratar de textos teóricos, o coordenador do comitê editorial (Sofka) solicitou que fossem redigidos nas línguas de trabalho do ICOM (inglês ou francês), ou que os próprios autores os traduzissem para um desses idiomas.⁸

Havia, portanto, estratégias elaboradas, planos delineados e objetivos definidos – um projeto ambicioso, segundo van Mensch (1992: *International Committee for Museology*: 6 de 20), suspenso por falta de suporte financeiro. O material acumulado, recebido pelo editor, foi redirecionado para as páginas do *ISS*. Essa publicação dava vazão aos documentos produzidos para os simpósios anuais do ICOFOM. Ajustava-se, no depoimento de Martin R. Schäer, ao conjunto de iniciativas para desenvolver um programa científico e de pesquisa

(3) As publicações já constavam das preocupações de Jan Jelinék, primeiro diretor do ICOFOM, caso do Tratado de Museologia concebido para responder às necessidades de formação e trabalho diário em museus (*MuWoP/DoTraM - Report form the second meeting of the ICOM International Committee for Museology* - n.º 1: 57). Em 1979 foi dada a aprovação para a publicação dos documentos básicos (*basic papers*) no encontro da Itália com a recomendação de que o ICOM indicasse o nome dos autores através dos comitês nacionais (*MuWoP/DoTraM - Report form the 3rd meeting of the ICOM International Committee for Museology/ICOFOM/ October 22-26, 1979, in Torgiano, Italy* – n.º 1: 60). O comitê editorial indicado (em 1978) foi formado por: G. Dieszner, W. Klausewitz, A. Razgon e Vinos Sofka (coordenador), com escritório situado em Estocolmo (*MuWoP/DoTraM - Report form the second meeting of the ICOM International Committee for Museology* – n.º 1: 57).

(4) As primeiras definições foram esboçadas por Klausewitz, Razgon e Sofka (*MuWoP/DoTraM - Report on the activities of the Editorial Bord of the ICOM International Committee for Museology (ICOFOM) during the period 1978-10-28 – 1979-10-20*. N.º 1: 58-59).

(5) Peter van Mensch relata que desde a década de 60 os tchecos já discutiam qual seria o objeto de estudo da Museologia, ou esta como disciplina acadêmica. Cita como primeira publicação o manual sobre o trabalho em museu do tcheco Jiri Neustupny (1968) que desde a década de 50 discutia o objeto de conhecimento da Museologia. O ICOFOM teria um papel fundamental nas discussões de 1976 em diante. Esse autor cita também o simpósio realizado pela J.E. Purkinje University (depois Universidade de Masaryk, em Brno, 1965); conferências (Comitê Nacional Germânico em 1971 e 1988) (van Mensch 1992, *The museology discourse*: 1 de 14; van Mensch 1992, *Object of knowledge*: 1 e 10 de 11).

(6) Cf. Sofka, no questionário de 29 de fevereiro de 1980 (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1:65).

(7) *MuWoP/DoTraM*, n.º 1, documento n.º 4 – To the chairmen and secretaries of all national and international ICOM committees, 1980: 60-61.

(8) Sofka pedia textos com não mais de 8 páginas, em uma das duas línguas do ICOM. Um trabalho efetuado sem remuneração a ser retribuído com cópias complementares para cada colaborador, pois nem o ICOFOM nem o comitê editorial contavam com disponibilidade de verbas (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1, documento n.º 4 *To the chairmen and secretaries of all national and international ICOM committees*, 1980: 61).

implementado por Sofka.⁹ Distribuído entre participantes do comitê, um circuito restrito de destinatários, acabou por isso contrapondo-se à própria proposta original de que as idéias geradas pudessem, pela via impressa, atingir um grupo mais numeroso de pessoas (van Mensch 1992, *ibid*).

Um boletim informativo sobre as atividades do ICOFOM – *Museological News (MNs)* – completava a sua linha de publicações, com estudos de caso, anúncios sobre conferências, seminários internacionais e respectivos temas, relatórios, propostas e outras contribuições sobre aspectos da Museologia.¹⁰

AMuWoP e o *ISS* se alinham ao principal objetivo enunciado pelo ICOFOM: o de tratar a Museologia como área de pesquisa, ciência e disciplina acadêmica. Embora com a intenção, diretriz e destino dirigido para os profissionais de museu e abertas em suas propostas à participação de todos os interessados e a eles voltada, sua natureza teórica pressupõe um destinatário específico e com certo repertório de conhecimentos sobre a área. Por difundir e pôr em foco o debate sobre problemas tidos como fundamentais, essas revistas podem ser perfiladas, mesmo que indiretamente, como instrumentos formativos, seja pela originalidade das idéias que apresentam, pela autoridade advinda dos cargos ocupados pelos colaboradores em museus (caso de diretores e curadores) de reconhecida competência na área, ou ainda pela posição como professores de cursos sobre museus que referendam, por suas credenciais, a importância das discussões realizadas.

(9) Uma série de cadernos do *ISS* foi reimpressa em 1995 por iniciativa de Martin R. Schärer então Presidente do ICOFOM. Sofka declara no ano de 1988 que havia mais de 300 páginas ainda não publicadas em razão da falta de verbas (*ISS*, n.º 15:7). (Schärer 1995, *Foreword/Avant-Propos*, s/n.º; Sofka, *idem*: 2).

(10) *Museological News (MN)* – boletim informativo lançado em maio de 1981, editado por André Desvallés e Gerard Turpin. Após os dois primeiros números, Vinos Sofka assume esta produção. Foi bi-anual, depois anual. O primeiro objetivo desta publicação era informar aos membros do comitê sobre assuntos administrativos, passando gradualmente a referir-se aos temas dos encontros. Muitas comunicações apresentadas em seminários do ICOFOM foram publicadas na *MN* (van Mensch 1992 – *International Committee for Museology*: 6-20). Ver Sofka, *MN* – *Museological News* – ICOFOM information bulletin, 1992: s/n.º.

Essas publicações constituíam um aspecto forte da estratégia do ICOFOM para enraizar, reforçar e expandir sua presença junto aos participantes e, por serem impressos, com chances de ir além deles. Com funções similares – debater ou apresentar idéias –, pode-se dizer que carregavam o ideário teórico que passa a ser mais veiculado e reconhecido como fundamental para a vida dos que trabalhavam em museus e os próprios museus. Os participantes, espalhados aqui e ali por diversos países,¹¹ e possivelmente transformados em porta-vozes regionais, contaram com o respaldo das publicações para disseminar suas idéias e de seus colegas, mesmo com o problema de distribuição limitada. *AMuWoP* e o *ISS*, consideradas como pedras de toque do ICOFOM¹² (Bellaigue 2000, nota 1: 5) possibilitavam a participação “em espírito”, na expressão de Sofka, daqueles que não podiam comparecer pessoalmente nos encontros (aspas do autor; Sofka 1995: 20).

Com outra proposta, a de informar e divulgar atividades práticas de museus para seus profissionais e comercializada, a revista trimestral *Museum*, publicada pela Unesco está engajada diretamente na política editorial desse organismo que considera as publicações como instrumentos de execução de seu programa divulgando suas atividades e resulta-

(11) Entre 1983 e 1989 houve um aumento do número de membros participantes do ICOFOM, de 113 em 1983 para 606 em 1989; a maior parte dos colaboradores eram do Primeiro Mundo (69 membros em 1983). Durante o período de 1977-1989, 149 museólogos de 39 países diferentes contribuíram para os comitês dos simpósios e nos escritos da *MuWoP*, sendo mais da metade europeus (60%), mostrando a predominância do pensamento ocidental. Nesse mesmo período ocorre maior envolvimento de museólogos da África, América Latina e Ásia, e menor dos norte-americanos. A partir de 1986, após a conferência anual realizada em Buenos Aires (Argentina) aumenta a participação de países do Terceiro Mundo (van Mensch 1992: *Professionalism and museology*). Em 1990, forma-se o subcomitê, ICOFOM-LAM (América Latina e Caribe), reconhecido pelo ICOM (Scheiner 2000: 2).

(12) Bellaigue cita em 2000 o seguinte conjunto de trabalhos do ICOFOM: *MuWoP/DoTraM* (1 e 2); *ICOFOM Study Series (ISS)* de 1 a 30; duas memórias sobre o ICOFOM pela Escola do Louvre no trabalho de Claudia Rubin de Cerin & Nada Gandhour (*Extension et évolution de la théorie muséologique de l'ICOFOM*) e o de Nadine Fattouh e Nadia Siméon (*ICOFOM – Orientations muséologiques et origines géographiques des auteurs*) sob sua orientação e de Michel Menu, em 1997.

dos obtidos.¹³ Como revista especializada de atualização do profissional de museu (*museum professionals* em inglês; *muséologues* em francês) auxilia a formar opiniões.¹⁴

Seu projeto editorial a propõe como “tribuna internacional de informação e reflexão sobre museus de todos os gêneros”¹⁵ e, para isso, procura publicar artigos de autores e instituições de todos os continentes, sintonizando-se com o projeto de publicações do órgão a que está vinculada no sentido de cuidar da educação e cultura e cooperar com a paz, compromisso firmado desde seu primeiro número. Essa proposta faria de suas páginas impressas o passaporte para transpor barreiras políticas e ideológicas.

A *Museum*, sem esquecer seus laços para a disseminação dos objetivos traçados pela Unesco, é dirigida aos profissionais, transmitindo conselhos práticos, reconhecendo nos museus o potencial de educação. Procura ser fundamentalmente técnica, centrada no que se denomina museografia, a parte

aplicada da Museologia ou aquilo que se executa. São raros os artigos de cunho propriamente teórico se tivermos como parâmetro a Museologia “icofoniana”.

Sua apresentação foi se transformando ao longo do tempo com capas diagramadas em cores, ilustrações e muitas imagens para, supomos, torná-la atraente. A sua estrutura interna, dividida em seções, é elaborada com artigos organizados sob o tema principal e outros assuntos (ou crônicas, notícias etc.), tornando didáticos seus conteúdos. O tema selecionado como titular do exemplar segue com muita proximidade os assuntos em debate no ICOM, e os autores são apresentados com suas credenciais (como data de nascimento, formação acadêmica, cargos, livros publicados, dados apresentados nas últimas páginas da revista, no final do artigo ou logo no princípio abaixo do nome do autor).

A essa revista cabe propriamente a denominação de periódico, contando com mais de cinquenta anos de existência sob o mesmo título (a primeira, com essa denominação, foi publicada em 1948), sucedendo a anterior *Mouseion*, publicada pela O.I.M (Organização Internacional de Museus, pela Liga das Nações). Após 1993, passou a ser denominada *Museum International*.¹⁶ Sob essas três denominações – *Mouseion*, *Museum*, *Museum International* – perfaz uma longa trajetória com mais de oitenta anos.

Um outro aspecto a referenciar recai sobre os idiomas em que são impressas; a *MuWoP*, foi publicada primeiramente em francês e inglês; na *ISS* os documentos são em inglês ou em francês. A *Museum* teve suas primeiras publicações em inglês e francês, no final dos anos 80 em espanhol e, após 1990, passa a ser editada também em árabe e russo. Os artigos gerados por autores de diversas nacionalidades (e idiomas), muitas vezes passam pelo processo de tradução para se adequar às línguas oficiais ou de trabalho do ICOM.

Essas publicações se apresentavam com objetivos distintos, mas o elo é feito pelo ICOM,

(13) A UNESCO foi estabelecida em 4 de novembro de 1946 tendo 20 países como signatários; é uma agência especializada ou ramo de trabalho da ONU. Seus propósitos são: “Contribuir para a paz e segurança mediante o fomento da colaboração entre as nações através da educação, da ciência e da cultura, e das comunicações, de modo a incentivar o respeito universal pela Justiça, pelo império da lei e pelos direitos humanos e liberdades fundamentais, que sem distinção de raça, sexo, idioma ou religião são assegurados a todos os povos do mundo pela Carta da ONU”. Para realizar seus objetivos segue duas linhas mestras complementares: a cooperação internacional intelectual nas áreas de sua competência, e atividades operacionais para o desenvolvimento que tenham dimensões sociais, culturais e econômicas (*ABC das Nações Unidas* 1991: 20-21; *Qué es la UNESCO?*, 1992: 8-9). Além dos museus (sob os cuidados do ICOM que em 2 de outubro de 1947 assina acordo de cooperação com a UNESCO), é foco de proteção e preservação o patrimônio cultural e natural (cf. <http://www.icom.org/chronology>).

(14) De acordo com Andrew Wheatcroft, só a *Museum International*, o *Journal of Museum Management and Curatorship* e *Noticias del ICOM* têm difusão internacional. Boletins e outras informações especializadas têm “difusão reduzida, limitada a uma região ou a um grupo especializado”. Este autor apresenta como revistas mais antigas, sem que apresente as respectivas datas: *Museum News* (EUA) e *Museums Journal* (Inglaterra)(Wheatcroft 1993: 10).

(15) Informação contínua na contra-capa da revista.

(16) A alteração foi feita para corresponder “... com maior exatidão tanto a sua temática como a seu público”. Assinado – M.L., p.3 (Editorial da revista n.º 177, vol. XLV n.º 1, 1993).

como órgão consultivo internacional sobre museus. Mesmo diferindo em suas propostas editoriais, periodicidade, formato, objetivos imediatos e públicos ao qual se dirigem, mais restrito ou mais amplo, referem-se a museus, o ponto forte de ligação entre elas.

A teoria enunciada: MuWoP e ISS

A *MuWoP* nasceu para criar um espaço de debate entre especialistas sobre problemas que circundavam a Museologia e seu estatuto científico. A missão, apresentada no projeto editorial – guiado e apresentado por Vinos Sofka, o editor, emissor das normas de publicação e relator –, previa vários objetivos simultâneos; instituir um foro aberto de discussão com força institucional e capacidade de divulgação, que registrasse opiniões sobre os temas escolhidos e, paralelamente, imprimir uma direção aos profissionais dando-lhes elementos de formação a partir de “seus próprios e indispensáveis instrumentos”, na palavra de Jan Jelinék (que foi Presidente do ICOM de 1971 a 1977, ano em que se torna Presidente do ICOFOM) (Bagahali *et alii* 1998: 76). A revista deveria constituir-se numa plataforma “teórica e especulativa profissional” de nível universitário para tornar a Museologia uma atividade profissional específica e uma disciplina científica, com possibilidade maior de assentá-la em universidades. Em suma, a revista e as discussões nela apresentadas e, travadas, deveria formar a aparelhagem para que os profissionais tivessem um nível de conhecimento correspondente ao estatuto desenhado. Tal plataforma diretiva e formadora de um corpo de conhecimentos legitimava também o ICOFOM como grupo encarregado de refletir a Museologia. A revista, concebida para preencher a lacuna das discussões teóricas incluía, na perspectiva dos editores, a avaliação contínua dos museus, suas atividades e sua profissão.¹⁷

(17) Para justificar a publicação como elemento de intercâmbio contínuo, Sofka argumentou que nem todos podiam participar dos simpósios, havia falhas para disseminar informações por falta de fundos e canais competentes impossibilitando o acompanhamento de projetos e respectivos resultados que sem esses recursos poderiam se perder. Quanto ao papel do Tratado de Museologia, refletiria somente um momento do estado de conhecimento diferentemente da revista (Sofka 1981, 1998).

O alicerce teórico da Museologia viria, na visão de Jelinék, do estudo de sua própria história, do estabelecimento de métodos, da análise de necessidades presentes e reflexões sobre seu futuro, e esses aspectos se tornavam condição para a institucionalização disciplinar bem como a aproximação aos teóricos de outras áreas como documentação, antropologia social aplicada às atividades culturais dos museus modernos, conservação, e educação. Ele também sublinhou o valor informativo das coleções, no seu entender o coração da Museologia científica, em tempos em que imperavam imagens televisivas e outras *midias* (*MuWoP*, n.º 1: 4-5).

O primeiro plano temático da publicação previa e planejava discutir os seguintes temas: 1. Museologia, ciência ou somente um trabalho prático?; 2. A interdisciplinaridade na museologia; 3. Pesquisa museológica básica e ciências aplicadas; e um quarto tema inquirindo se era possível ou desejável guiar as funções dos museus através da museologia.¹⁸

O que sobressai nesse primeiro número, além de ter sido um ponto de encontro para definir o objeto de estudo, foi o embate sobre a compreensão de tal teoria e, como decorrência, o “problema terminológico” para o qual a *MuWoP* opera como refletora das dificuldades.

MuWoP n.º 1: dúvidas e o ‘problema terminológico’

Segundo Sofka, a idéia das discussões sobre Museologia não surgiu repentinamente mas foram germinadas por volta de 1975, tomam corpo em 1978, na gestão de Jan Jelinék. Em 1979 surge a proposta de uma publicação e formação de um Conselho Editorial para acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos e manter a rota das metas estabelecidas (Sofka 1981: 1). No ano seguinte, a *MuWoP* n.º 1 é anunciada em seu espaço editorial como se fosse o nascimento de uma criança. Vinos Sofka apresenta seu nome,

(18) Report on the activities of the Editorial Board of the ICOM International Committee for Museology (IcofoM) during the period 1978-10-28 – 1979-10-20 presented at the IcofoM Annual Meeting in Torgiano, Italy, October 1979 (*MuWoP*, n.º 1: 63).

tamanho e peso (MuWop; 67 páginas, 203 g.). A analogia com um bebê o leva a situar a revista como parte de uma grande família de museus composta pelas agências do ICOM e seus membros. Havia justificativas para tal nascimento: uma delas se fazia em nome das novas demandas postas aos museus e aos que neles trabalhavam em razão das mudanças incessantes e aceleradas da sociedade; como o ajuste a tais condições dependia dos profissionais, eles precisavam de análises e reflexões feitas em seu próprio tempo. Essa era a melhor razão para a revista. Mas havia outra: a de cumprir o papel de fórum aberto de discussões e meio para o intercâmbio entre profissionais e instituições.

Sofka finda no editorial a cerimônia de apresentação proclamando o futuro que ali se iniciava e que, afinal, teve vida curtíssima: dois números.

A primeira parte da revista com o tema “Museologia – ciência ou somente um trabalho prático?” estrutura-se com o editorial, os votos de boas vindas por Jelinek, pontos de discussão, um painel sucinto de levantamentos realizados em 1975 e 1979 e provocações.

O ponto de discussão – “O que é Museologia?” –, apresentado por Villy Toft Jensen nos dá uma idéia sobre os aspectos para serem sistematizados articulando a área: 1 Base e objetivos; 2 As razões para lidar com museologia; 3 Os conteúdos da museologia; 4 Algumas direções teóricas dentro da museologia; e um quinto e último tópico, com algumas conclusões.

Tais idéias são transformadas em diagramas de colunas cruzadas; uma com Categorias e outra com Características teóricas. Por Categorias tem-se: I) Museologia como ciência aplicada, II) como ciência independente; III) Características teóricas três variáveis formadas por Base, Natureza e Objetivos finais da teoria. Do cruzamento das categorias I, II e III com as variáveis se estabelecia um plano de identificação para a Museologia. Dois outros esquemas explicitam visualmente o fluxo das Categorias I e II saindo de noções diferentes mas terminando no museu. Na Categoria I, o ponto de partida é “Teorias, metodologia e interesses da disciplina profissional”, e na II os “Papéis institucionais: desenvolvimento estrutural e aspectos organizacionais, e Funções institucionais: com relação à cultura, ciência e educação” (MuWop, n.º 1: 6-10).

O editor apresenta, assim, chaves de leitura procurando demonstrar que o problema-museologia vinha sendo abordado desde já algum tempo. Por exemplo, em “Provocações”, um dos tópicos da revista, a palavra “confusão” é usada para apresentar o estado da Museologia como ciência através de pequenos comentários servindo de elemento para as discussões. Da mesma forma que nos esquemas, os autores partem de pontos de vista diferentes, mas convergem no museu como foco da razão de ser da Museologia. Nesse tópico, e para incitar sua provocação, Villy Toft Jensen advogou a Museologia como ciência cujo objeto de estudo se caracteriza como “a seleção, pesquisa e disseminação do conhecimento de todas as “coisas”, incluindo o seu inter-relacionamento com o [que] o homem encontra como suficientemente valorizado para proteger e preservar para o futuro”; Wolfgang Klausewitz, como um campo de investigação do museu; Awraam M. Razgon, como um ramo científico da teoria sobre a origem e desenvolvimento dos museus e, Vinos Sofka, como estudo dos museus e suas atividades.¹⁹

Nas partes seguintes Sofka reforça suas intenções diretas para a publicação no tópico “O que vem a seguir? Direções do Editor”; na última parte “Fatos e documentos” comenta o protótipo do primeiro número. Depois ele volta a recorrer à analogia com uma criança e o crescimento de seus primeiros dentes, uma maneira para comentar das dificuldades para deslanchar a revista. Segue um “certificado de batismo” com a função de reapresentar os colaboradores que contribuíram para esse número; um modelo de *curriculum vitae* para ser preenchido por futuros colaboradores e os dados coletados sobre aqueles apresentados no primeiro exemplar. Em “Crônica da MuWop”, lista excertos de alguns documentos.²⁰

(19) (aspas duplas de Villy T. Jensen). Provocações museológicas 1979 comentadas por Villy Toft Jensen; Wolfgang Klausewitz, Awraam M. Razgon, Vinos Sofka, com o sub-título “Quatro tentativas de definir o conceito de museologia pelo Comitê Editorial” (MuWop, n.º 1: 11-12).

(20) Documento n.º 1 – segundo encontro do Comitê Internacional de Museologia, setembro, 1978, na Polônia; Documento n.º 2 – Relatório de atividades do Comitê Editorial do ICofom – Comitê Internacional de Museologia, durante o período de 1978 (de 10 a 28) e 1979 (de 10 a 20); Documento n.º 3 – Excertos do Relatório do 3º encontro

Excetuando-se o conjunto dos documentos teóricos e excertos, o editor reforça as direções para futuras publicações e as metas a serem alcançadas: discutir problemas comuns, sem obstáculos ou limitações; exortar a importância das opiniões pessoais; manter o fundamental intercâmbio de idéias de modo a atravessar continentes numa ativa cooperação internacional. Nessa ocasião, Sofka apresenta as dificuldades para dar desenvolvimento para a revista incluindo a necessidade de maior participação daqueles que trabalhavam em museus (*MuWoP*, n.º 1: 52ss.).

Ele expõe suas expectativas (*What next? Directions from the Editor*) e investe no leitor procurando estimular a participação conclamando-os à participação. A continuação seria um sonho ou uma loucura diáfana? – mas algo justificável se a revista fosse transformada numa plataforma de idéias variadas, vindas de todo o mundo, a serem apresentadas, confrontadas, solidificadas e polidas. Fazia-se fundamental a maior participação, e o editor não a escamoteia em nome da Museologia: “Ajude-nos a levá-la a diante! Escreva-nos suas próprias idéias. Esse é o tempo da museologia. É uma ciência ou não? O que é? Nós precisamos dela? (...). Escrevam já!” (Sofka, *MuWoP*, no. 1: 50).

O coração desse número está desenvolvido em “Tópico para análise: Museologia – ciência ou somente um trabalho prático de museu?”. Sofka, utiliza-se de comentários para relatar como obteve

do IcofoM, realizado em Torgiano, Itália, outubro 1979; Documento n.º 4 – Carta do Diretor e secretários de todos os comitês internacionais do ICOM (Janeiro 20, 1980); Documento n.º 5 – nota sobre a publicação do projeto do *Museological Working Papers* do ICOM, para o encontro do Conselho Executivo do ICOM, maio de 1980 e Documento n.º 6 – excertos de Minutas da 47^a seção do Conselho Executivo do ICOM, 20-21 de maio, 1980, Paris (*MuWoP*, n.º 1: 53; 57-67).

(21) Os nomes dos autores dos comentários haviam sido enviados em resposta à requisição feita no começo dos anos 80 pelo coordenador da *MuWoP*, dirigindo-se a todos os comitês nacionais e internacionais do ICOM solicitando nomes de pessoas de museu ou outros especialistas, considerados pelos comitês como “particularmente adequado para o exercício intelectual esperado”. Foram distribuídas 176 cartas-circulares; dez comitês nacionais e cinco internacionais retornaram com respostas, menos do que o esperado (cf. Sofka) mas um número de autores potenciais (*MuWoP*, n.º 1: 14).

a participação dos colaboradores, ressalta as qualidades deles como especialistas proeminentes na área – mas não caracteriza nem a especialidade nem a proeminência, fazendo-nos inferir essa informação dos créditos que acompanham cada um dos autores em suas apresentações –, e também como tinham se aventurado “... à batalha museológica”, sem que tivessem tido discussões prévias, sem instruções por parte do Comitê Editorial, sem que se conhecessem uns aos outros.²¹ No entanto, pode-se notar, nas referências bibliográficas e, em alguns artigos, que havia circulação de publicações entre alguns deles.²²

O editor, bastante presente em toda a edição, recorre a excertos para ilustrar a variedade de opiniões existentes, situando a procedência dos autores para dizer da ampla cobertura geográfica: na Europa, a França, Grã-Bretanha, Suécia, Tchecoslováquia, União Soviética, República Democrática Alemã; na América do Norte, os Estados Unidos e Canadá; na Oceania, a Austrália; no Oriente, o Japão e, no Oriente-Médio, a Síria, o que ilustra também o quanto dessa Museologia foi formulada por profissionais europeus.

Ocupando cada um no máximo duas folhas e meia, em coluna dupla, têm-se os artigos para caracterizar e definir Museologia. As opiniões variam numa gradação polarizada que vai da Museologia como ciência de museus ou como arte. No quadro a seguir sintetizamos as idéias básicas e seus respectivos autores, procedência, cargos e áreas em que atuavam; sobressaem-se os cargos de diretores e curadores de museus; os vínculos com universidades para ministrar aulas sobre museus em cursos dirigidos a estudos de museu, cultura material, ou de estética, ou lecionar Museologia em Faculdades de Filosofia ou de Educação.

(22) Os autores que fazem citações bibliográficas ou notas são: Geoffrey D. Lewis (no decorrer do texto e bibliográficas, dentre elas constam trabalhos de Jelinék, Neustupný, Razgon, Stránský e Tsutura, Rivière, e inclui uma nota de rodapé); Jiri Neustupný (obras suas); Jurij P. Pišèulin (de outros autores russos); Daniel R. Porter; Barrie G. Reynolds (incluindo Jelinék e trabalhos seus); Klaus Schreiner; James L. Swauger. Stránský, por exemplo, remete-se a vários autores (citados pelo sobrenome e ressaltados por tipos gráficos em caixa alta), sem que apresente, no final, a bibliografia.

IDÉIA (Museologia é...)	AUTOR E PROCEDÊNCIA	CARGO E ÁREA DE ATUAÇÃO
Um debate antigo	André Desvallées – Paris, França	Curador da <i>L'inspection générale des musées classés et contrôlés, Direction des musées de France, Ministère de la Culture et de la Communication</i>
Um problema intrigante	Anna Gregorová – Bratislava, Tchecoslováquia	Pesquisadora assistente do <i>Central Office of Museums and Picture Galleries</i>
Um tipo de conhecimento sobre museus e suas funções, uma ‘pobre ciência’, mas tendo no trabalho institucional a ciência e a prática	Bengt Hubendick – Goteborg, Suécia	Diretor do <i>Museum of Natural History</i>
Um trabalho prático e não uma ciência	Louis Lemieux – Ottawa, Canadá	Diretor do <i>National Museum of Natural Sciences</i>
Um termo com uma história respeitável sem que pudesse se dizer o mesmo do seu objeto de estudo	Geoffrey Lewis – Leicester, Grã-Bretanha	Diretor do <i>Museum Studies, University of Leicester</i>
Uma disciplina necessária para compreender o papel dos museus na cultura contemporânea	Jiři Neustupný – Praga, Tchecolováquia	Curador do <i>National Museum</i> ; Diretor do <i>Center for Education in Museology</i> ; Docente de pré-história e museologia da <i>Faculty of Philosophy of the Charles University</i>
Uma ciência aplicada que deveria recorrer a métodos de outros campos como a sociologia, psicologia, estatística e matemática para analisar cientificamente os próprios problemas teóricos	Jurij P. Pišëulin – Moscou, URSS	Vice-diretor e chefe dos laboratórios de museologia no <i>State museum of the revolution of the USSR</i>
Uma sub-disciplina sujeita à História em razão dos artefatos	Daniel R. Porter – Cooperstown, EUA	Professor e administrador da <i>Cooperstown Graduate Programs na State University College at Oneonta, NY</i>
Uma ciência embrionária e uma disciplina acadêmica sobre museus	Barrie G. Reynolds – Townsville, Austrália	Professor de cultura material; Diretor da <i>Material Culture Unite at the James Cook University of North Queensland</i>

(cont.)

IDÉIA (Museologia é...)	AUTOR E PROCEDÊNCIA	CARGO E ÁREA DE ATUAÇÃO
Um estudo de aspectos estéticos, comerciais, práticos, administrativos, acadêmicos e de público	Joseph A Scala – Syracuse, USA	Diretor do <i>Joe and Emily Lowe Art Gallery</i> ; Presidente do <i>Graduate Museology Program at the College of Visual and Performing Arts</i>
Uma disciplina científica social com objeto de estudo complexo, estrutura e leis envolvendo o processo de aquisição, preservação, decodificação, pesquisa e exposição de objetos originais selecionados da natureza e sociedade como fontes primárias de conhecimento	Klaus Schreiner – Alt Shwrin, República Democrática Alemã	Diretor do <i>Museum of agrarian history in Alt Schweri</i> ; Membro do Conselho do Ministério da Cultura
Um termo equivalente à teoria de museu, cobrindo um campo específico sobre o fenômeno museu	Zbynik Z. Stránský – Brno, Tchecoslováquia	Diretor do departamento de museologia do <i>Moravian Museum</i> em Brno; Diretor do departamento de museologia da <i>Faculty of Philosophy</i> na <i>Jan Evangelista Purkyne University</i>
Um corpo de técnicas de museu para ser empregado na organização de museus pelos funcionários de museu em suas tarefas diárias, com possibilidade de algum dia se tornar uma ciência	James L. Swauger – Pittsburgh, USA	Cientista <i>Senior</i> – antropologia, no <i>Carnegie Museum of Natural History</i>
Uma ciência dos museus	Soichiro Tsuruta – Tóquio, Japão	Professor de museologia, Departamento de Educação da Faculdade de Letras, Universidade de Hosei
A ciência dos museus e estes como santuário da alma dos homens	Bachir Zouhdi – Damasco, Síria	Curador do <i>Museum of Greco-Roman Antiquities and Byzantine Art at Al Mathaf al-Watani (National Museum)</i> ; Professor de estudos estéticos na <i>University of Damascus</i>

O foco, definir o objeto da Museologia, exigia um empreendimento simultâneo para elucidar o campo de estudo e sistematizar definições, ora aproximando-a da noção de disciplina acadêmica, ora do conjunto associado de atividades da

instituição tais como coleta, documentação, conservação e montagem de exposições.

Nos textos os autores dissertam sobre suas idéias, as expõem, fundando suas análises em experiências práticas – reforçando, assim, a

irrefutabilidade pela força dos fatos –, muitas das quais passam pela caracterização da profissão, ou então, numa direção oposta, no desenvolvimento de um raciocínio explanatório de natureza teórica.

Dentre os autores, André Desvallées, Geoffrey D. Lewis, Jiří Neustupný e Soichiro Tsuruta resvalam pela necessidade de, em primeiro lugar, elucidar o significado da palavra museologia. Os argumentos dos tchecos Anna Gregorová e Zbyněk Z. Stránský distinguem-se dos demais pelo trato com o tema e sua reflexão (observável nas referências de trabalhos já publicados). Eles sublinham a importância de definições para evidenciar as características essenciais da Museologia e essas não estariam propriamente no museu mas no “fenômeno museu” e, nas relações não imediatamente presentes, das atividades que a instituição desempenha.

O tema conduzia a uma interrogação sobre as premissas da Museologia e, para isso, era necessário chegar a um consenso sobre o significado das palavras, os motivos, no entanto, não são os mesmos. Desvallées, por exemplo, sugere que o emprego do termo Museologia seria uma questão de opção: os que trabalhavam em museus poderiam aplicá-lo, “se quisessem”, ao se comunicar com seu público, ou então, ao se referirem ao campo de pesquisa como um todo ainda que, a seu ver, essa pesquisa se relacionasse com ciências que poderiam existir sem o museu, e através das quais, afirma, os profissionais exercem suas atividades (*MuWoP*, n.º 1: 18).

Geoffrey D. Lewis recorre a definições que encontra em dicionários de léxico e depois vincula o emprego da palavra museologia ao contexto do trabalho de museu (*MuWoP*; n.º 1: 26-27). Jiří Neustupný recorre ao significado de determinadas palavras em alemão para demonstrar a relação entre Museologia e museografia, e conclui que a primeira refere-se à teoria e metodologia de trabalho em museus.²³ Soichiro Tsuruta desenvolve sua argumentação a partir de algumas definições de Museologia e museografia emitidas pela Unesco e pelo ICOM e apresenta sua definição, concebida

(23) Como *museumkunde* – a ciência dos museus; *muzeoznawstwo* – a teoria dos museus, ou tecnologia dos museus – e *museumswissenschaft* – ciência dos museus –, como um ‘sinônimo perfeito’ para museologia incorporando teoria e prática (*MuWoP*, n.º 1: 28-29).

em 1956. Seu esforço dirige-se para propor uma organização dos campos de estudo no sentido de estudo científico da classificação, estudo das formas e estruturas externas e internas, e estudo das funções dos museus –, para lhe dar a base científica.²⁴

Anna Gregorová²⁵ e Zbynek Z. Stránský apresentam outros elementos para defini-la. Para Gregorová o elemento diferenciador se instalava na relação específica entre o homem e a realidade *no* museu propondo três categorias de análise para abordar essa relação: museu e realidade; museu e sociedade; museu, museologia e atividades de museu, parâmetros a partir dos quais cunha sua definição: “é a ciência que estuda a específica relação do homem com a realidade, [e] consiste numa coleta proposital e sistemática e [na] conservação de objetos selecionados inanimados, materiais, móveis e tri-dimensionais [que] documentam o desenvolvimento da natureza e sociedade e dos quais é feito um uso científico e cultural-educacional”. Concebe a Museologia como um sistema complexo de conhecimento com um dado objeto de estudo – as relações entre museu e realidade e museu e sociedade –, evidenciando, na relação museu e realidade, aspectos de uma “atitude de museu” que o homem desenvolveria a partir da tri-dimensionalidade da realidade a qual o homem preserva e protege, dando-lhe o “senso da

(24) Tsuruta retoma as definições de Museologia e museografia: a de 1958 (Rio de Janeiro, Unesco) que dá a museologia como um ramo do conhecimento relativo aos estudos e organização de museus, e museografia como um corpo de técnicas relacionadas à museologia. A de 1972 emitida pelo ICOM: museologia é a ciência dos museus (estudo de sua história, seu papel na sociedade, seus sistemas específicos de pesquisa, conservação, educação e organização, relações com o meio físico e classificação das diferentes espécies de museus) e museografia como métodos e práticas das atividades dos museus em todos os seus aspectos. No que diz respeito a sua definição a delimita como ciência aplicada em desenvolvimento para estudar os objetivos dos museus e métodos para que aqueles sejam realizados (*MuWoP*, n.º 1: 47-48).

(25) Gregorová declara: “Durante anos recentes no meu trabalho com a *Slovak National Museum* em Bratislava eu lidei mais profundamente com problemas [relativos] a museologia – como filósofa esses problemas sempre me intrigaram. Meus esforços resultaram num manuscrito extenso de 400 páginas, do qual retiro algumas idéias básicas que (...) conecto com o tema n.º 1 do programa do ICOFOM (...)” (*MuWoP*, n.º 1:19).

história”, isto é de duração. Essa atitude é perpassada de componentes gnoseológicos, físicos e éticos, dos valores de documento (dos objetos/ coleções) e o “valor museu” como tarefa a ser desenvolvida por especialistas ou cientistas (*scientific worker*). Um segundo aspecto é o da relação entre museu e sociedade (com a realidade material, com a realidade social) o que a tornaria uma ciência interdisciplinar estudando a função social dos museus: os aspectos culturais, os educacionais e os sociológicos sendo que, cada um desses aspectos recorreria a outras disciplinas como aporte. Sua definição de museu conecta-se à de Museologia: “um instituto no qual a relação específica do homem com a realidade é naturalmente aplicada e realizada” (*MuWoP*, n.º 1: 19-20).

O objetivo de Gregorová bem como o dos demais era demonstrar a Museologia como ciência independente com objeto de estudo particular.²⁶

Z.Z. Stránský, compatriota de Gregorová, procura ressaltar as características individualizantes da Museologia, seguindo um esquema lógico²⁷ para evidenciar propriedades, o *genus proximum* do ‘real fenômeno museu’. Nas suas explicações recomenda verificar a intenção ao operar com um termo ou termos, uma vez que respondem por certos aspectos da realidade com características particulares – são parte do todo. A característica particular, o traço individualizante e distintivo deveria ser substancial, condição mesma da existência de tal particularidade. Desse ponto Stránský volta-se para demonstrar o museu como

fenômeno, como traço substancial na seguinte linha de raciocínio: um traço substancial é aquele que subsiste ao longo do tempo, uma prova de que o fenômeno existe e tem continuidade. Ora, se o fenômeno está condicionado histórica e socialmente, tem-se a prova de sua missão e propósito, portanto, há razão para a existência social dos museus. É na instituição que ele identifica o denominador comum – ou traço substancial – de algumas palavras como “Museologia”, “Museografia”, “Teoria de Museu” e “Museístico” (esta última um pouco à parte, escreve), que para ele são designativas de uma área, sem que necessariamente tivessem relação direta com o mesmo fenômeno. Ele conclui sobre a permanência do fenômeno museu no tempo, da mesma forma que a Museologia como teoria da prática de museus, dando sustentação para a produção do museu. Portanto, o traço distintivo característico não seria esboçado pela instituição, mas por um fenômeno particular, cujo plano teórico conjugaria teoria e prática (aspas duplas do autor) (*MuWoP*, n.º 1:43 e 44).

A respeito dessa complexidade explanatória vale relembrar a observação de Peter van Mensch sobre os verdadeiros recortes nas idéias nos textos da *MuWoP* não fazendo jus ao conjunto do pensamento de determinados autores. Mais do que mera curiosidade convém apresentar o comentário significativo de Gregorová registrado no final do seu texto que bem ilustra a observação de van Mensch: “Por falta de espaço não somos capazes aqui de lidar com esse problema em detalhes” (*MuWoP*, n.º 1: 44).

Os textos desse primeiro número da *MuWoP* cumprem o objetivo do projeto editorial de iniciar um processo de identificação dos sinais particulares de um campo de estudos envolvendo o museu. Na apresentação das dúvidas enunciam-se também as diferenças de opinião trazendo a reboque as questões sobre a linguagem da área, o “problema terminológico”, do qual o norte-americano Ellis G. Burcaw, convidado por Sofka para tecer as críticas desse primeiro número, ressalta entre aspas as dificuldades para lidar com o “léxico de Brno”, referindo-se a palavras pouco conhecidas no outro lado do Atlântico.

“Em nome do céu, o que é Museologia?” (*MuWoP* n.º 2)

Na segunda revista cuja diagramação segue o modelo da *MuWoP* n.º 1, com pouco destaque

(26) Para argumentar, Gregorová usa analogia com a Estética formada pela *específica relação estética do homem com a realidade*, não com um prédio ou a instituição que coleta e exhibe obras de arte. Da mesma forma o museu não pode ser o objeto da museologia (itálicos da autora) (*MuWoP*, n.º 1: 20).

(27) Stránský formula a questão sobre Museologia, ciência ou trabalho prático assim: “... temos que decidir quando a A tem B ou C propriedades. A variável quantitativa A é coberta pelo termo “Museologia”, contendo algo de algumas características de B (-logia), o que influencia nossas conclusões. Ao mesmo tempo a questão lida com A como um fenômeno objetivo. B (ciência) tem que ser posta em contraposição com C (trabalho prático). O advérbio “somente” significa que há algo ambíguo. Isto quer dizer que temos que saber quando A é B ou C no presente, mas também que temos que perguntar quando A é o que tem sido até agora, i.e. [que] presumimos algumas mudanças”. (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1: 42).

para títulos das seções e respectivos subtítulos, o tema abordado foi “Interdisciplinaridade na museologia”, proposto originalmente como ‘A ciência multidisciplinar na Museologia, Pesquisa Básica em Museologia e Ciência Aplicada’ (cf. Sofka).²⁸ Nessa revista há mais seções formando o tópico “Conteúdos”, saltando de sete da primeira publicação para onze,²⁹ dando a impressão de que a publicação tomaria fôlego, firmando sua continuidade como periódico de debate e divulgação de notícias. Ainda que com o maior número de páginas (noventa e oito) acontece justamente o contrário. O anúncio de seu provável fim é a primeira notícia apresentada.

A responsabilidade pela sobrevivência da revista deveria ser transferida para os leitores se quisessem que ela continuasse a ser publicada, uma espécie de teste de lealdade. No tópico “Vai em frente, MuWoP!” foi lançado um apelo pelos suecos Rolando Palsson & Olov Isaksson expressando-se em nome do governo, de fundações e do Museu de Antiguidades Nacionais (Estocolmo), para comunicar as razões do término das subvenções. Seus argumentos: se a cooperação internacional entre os museus era tão significativa não haveria problemas em dar continuidade à publicação. Nesse ponto eles propõem um “teste de lealdade e interesse” a ser cumprido pelos museus e profissionais de museu. Caso os leitores fossem aprovados no teste, o Museu de Antiguidades Nacionais reassumiria o trabalho editorial por alguns anos a mais. A resposta à altura confirmaria que a “boa iniciativa” em publicar uma revista para debates não teria sido em vão (*MuWoP*, no.2).

(28) *MuWoP*, n.º 1, documento n.º 4 To the chairmen and secretaries of all national and international ICOM committees, 1980: 61.

(29) Mantiveram-se o §‘Editorial’, §‘Tópico para análise’ §‘O que vem a seguir: Direções do Editor’ e §‘Fatos e Documentos’ acrescidos de partes dirigidas a comentários sobre novidades na área de museus ao modo de noticiário como §‘Pontos novos’, §‘Novidades museológicas’, §‘Novas pesquisas e tecnologia’; §‘Contatos, Opiniões e Confrontações’. O necrológio de Jiri Neustupný redigido por Z.Z. Stránksý lembrando a trajetória de vida, trabalhos em museus e o apresentando como uma das principais figuras que influiu na formação de um pensamento museológico, autoridade científica no panorama internacional que deixou como herança a contribuição para a formação da museologia e sua inclusão na educação universitária (*MuWoP*, n.º 2: 6-7).

Os leitores não passaram nessa prova, embora o plano, a política editorial, a linha editorial, a estrutura e o programa de edição estivessem creditados pelo ICOFOM e pelo ICOM. O plano editorial previa discussões relativas ao objeto e sistema da Museologia, comentários sobre atividades de coleta dos museus e o papel dessas instituições na pesquisa e educação. A linha editorial seria conduzida pela apresentação de documentos básicos escritos por vários autores de “todos os cantos do mundo (...)”, e os temas selecionados contariam com várias opiniões a fim de confrontá-las. Sofka se empenhou em defender a continuidade da revista que, para ele, ficava entre o sonho em mantê-la e a realidade em ter que suspendê-la pela falta de subvenção para sua publicação. Esse editor esperava a expansão, o fortalecimento temático, a capacidade informativa da revista monitorando os mais importantes desenvolvimentos que ocorriam nos museus, notas sobre outras publicações de relevância e sobre os mais importantes simpósios e conferências, resenhas, ensaios, conclusões teóricas e metodológicas de encontros ou trabalhos experimentais. Esperava ainda que a revista, como fórum, servisse para o refinamento e desenvolvimento de uma terminologia da área (*MuWoP*, n.º 2: 4 e 5).

Na seção “Ponto de discussão: Museologia – ciência ou somente um trabalho prático?”³⁰ uma pergunta dramática que também encerra o primeiro número está evidenciada pelo uso de letras em caixa alta e inicia a apresentação de Sofka, voltada ainda para o tema da primeira revista, e nos dá um pouco da dimensão da complexidade que rondava o mapeamento da Museologia. Ei-la:
EM NOME DO CÉU, O QUE É MUSEOLOGIA?

Esta “desesperada questão” – expressão de Sofka – reina suprema. O editor situa: nem ele, nem os autores pretendiam resolvê-la no primeiro número, mas somente mapear uma situação. A *MuWoP* n.º 2 representava um segundo *round* de discussões. Um milagre seria esperar soluções. Naquela altura já era possível agrupar um espectro de diferentes pontos de

(30) §‘Introdução pelo Editor’, e §‘Contribuições por’, esta composta por frases selecionadas de textos de seis colaboradores que dão continuidade ao tema do primeiro número da *MuWoP*.

vista divididos entre um grupo maior que indicava a Museologia como disciplina, uma ciência ou ciência emergente, e um outro menor que a considerava simultaneamente ciência e trabalho prático, ou uma arte ou ciência aplicada (*MuWoP*, n.º 2: 8).

A palavra “combatentes” é empregada pelo editor referindo-se aos seis autores³¹ que enviaram suas opiniões sobre o tema (da primeira revista) com reflexões que não fogem ao diapasão anterior de uma Museologia em formulação ou em processo de se tornar uma disciplina independente.

O corpo principal deste segundo número da revista, com artigos de quinze autores (alguns já presentes no primeiro número: G. Ellis Burcaw, Michaela Dub, Anna Gregorová, Ilse Jahn, Flora S. Kaplan, Louis Lemieux, Domènec Miquel & Eulália Morral, Jiri Neustupný, Robert W. Ott, Aweann M. Razgon, George Henri Rivière, Waldisa Rússio, Klaus Schreiner, Tibor Sekelj, Jerzy Swiecimski) foi formado pela seção “Tópico para análise: Interdisciplinaridade na museologia”, um passo além no desenvolvimento das idéias, segundo Sofka. O propósito era compor um certo número de apontamentos interconectados em “gradação temática”, abordando a interdisciplinaridade relacionada com a Museologia e, nos números subsequentes (3º e 4º), o projeto era analisar mais detalhadamente o seu objeto, seguindo-se os problemas relativos aos seus sistemas (aspas duplas do autor; *MuWoP*, n.º 2: 25).

Sofka percebeu, pela diversidade de interpretações conceituais que, da mesma forma que

ocorreu no primeiro número, não houve homogeneidade entre os escritos, expondo mais uma vez “(...) o problema da uniformidade terminológica (...)”, muito proveitoso, na sua avaliação, pois criava a oportunidade de apresentar as diferentes opiniões para que se trabalhasse sobre elas (*MuWoP*, n.º 2: 25.)

O tema sobre a interdisciplinaridade foi abordado por dois ângulos, formando dois conjuntos de textos e grupos de discussão. O “grupo da museologia” apresentando os pontos de vista entre interdisciplinaridade e Museologia desenvolvido pelos seguintes autores: Michaela Dub (Haifa, Israel); Anna Gregorová (Bratislava, Tchecoslováquia); Ilse Jahn (Berlim, República Democrática Alemã); Jiri Neustupný (Praga, Tchecoslováquia); Awraam M Razgon (Moscou, URSS); Waldisa Rússio (São Paulo, Brasil); Klaus Schreiner (Alt Shwrin, República Democrática Alemã); Jerzy Swiecimski (Torún, Polónia). E o “grupo de museu”, comentando a interdisciplinaridade na relação entre museu e suas atividades: G. Ellis Burcaw (Moscou, EUA); Louis Lemieux (Ottawa, Canadá); Domènec Miquel i Serra & Eulália Morral i Romeu (Barcelona, Espanha); Robert W. Ott (Pennsylvania, USA); Georges Henri Rivière (França); Tibor Sekelj (Subotica, Yugoslávia).

As outras seções desse número são dedicadas às atualizações na área – “Novos pontos” e “Novidades Museológicas” –, seguidas por uma parte sobre pesquisa e novas tecnologias, outra sobre contatos, opiniões e confrontações, uma específica para as direções dadas pelo editor (“O que vem a seguir”? Direções do Editor”) e, para finalizar, uma seção sobre “Fatos e Documentos”.

As últimas seções trazem as regras de apresentação dos documentos na revista, e em “Um novo nome para a *MuWoP*?” abre-se espaço para os leitores opinarem sobre sua denominação. Nesse momento, Sofka rememora como foram lançadas as raízes para essa publicação (no ICOFOM, em 1978 e 79; no ICOM em 1980) e explica que o uso do adjetivo “museológico” (*museological*) foi adicionado posteriormente. A denominação *Museological Working Papers* dada à natureza bilingüe do ICOM passou a receber sua denominação também em francês *DoTraM – Documents de travail sur la muséologie*. A abreviação e a denominação em inglês se estabeleceu como preferencial no outono de 1980, narra. Em ‘Fatos e Documentos’ são apresentados os

(31) Os autores e os respectivos cargos são: Josef Benes (Praga, Tchecoslováquia; Secretário da Divisão de Patrimônio Cultural do Ministério da Cultura da CSR, Praga); Ilse Jahn (Berlim, República Democrática Alemã; Professora de museologia no *Museum für Naturjinde of the Humboldt-Universität zu Berlin*); Flora S. Kaplan (Nova York, E.U.A; Diretora do *Museum Studies Program e Assistant Professor of Anthropology at the Graduate School of Arts and Science, New York University*); Judith K. Spielbauer (Oxford, E.U.A; Instrutora de museologia e antropologia no *Department of Sociology and Anthropology, Miami University, Oxford, Ohio*); Zbynek Z. Stránský (Brno, Tchecoslováquia) – não é citado o cargo, mas referenciada a sua apresentação na revista anterior e, Jerzy Swiecimski (Cracóvia, Polónia; Chefe da seção de exposições do *Institute of Systematic and Experimental Zoology of the Polish Academy of Sciences, Lecture of museology at the Jagiellonian University in Kraków and the Nicolaus Copernicus University in Torún, Poland*).

créditos, uma lista dos nomes dos colaboradores com os respectivos endereços e excertos de uma série de documentos. Ele também comenta a respeito dos esforços, apoios recebidos do governo e instituições suecas; repassa os objetivos da revista, relata os sucessos, e procura incentivar a participação de todos, quer sob a forma escrita, quer pela divulgação e indicações.

A seção “Contatos – Opiniões – Confrontações” desenvolvida em dois tópicos e em quatro páginas (83 a 86) traz, em primeiro lugar, os comentários do norte-americano G. Ellis Burcaw (diretor do museu da Universidade de Idaho, presidente de Estudos de Museu e professor de Museologia e Antropologia nesta universidade) (cf. créditos na apresentação; *MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 29) – convidado pessoalmente por Sofka para criticar a *MuWoP* n.º 1. Segue-se a resposta de Sofka em “Comentários sobre os comentários pelo Editor”. Como indica o próprio título, tem-se um confronto, um esgrimir polido(32) entre Burcaw e o editor que responde às críticas ponto a ponto.

Burcaw concorda que a revista tinha uma missão a cumprir, ressalta seus méritos e reafirma seu papel de agência efetiva do ICOM pois não havia uma publicação internacional dedicada à teoria de museu. Já era tempo, escreve, de considerar seriamente o “que são e para onde vão nossos museus”. Tece críticas ao som “feio e cômico” produzido pelo acrônimo *MuWoP* em inglês, (33) sugerindo o uso do nome por extenso; explicita que a denominação da revista tinha sido inspirada num periódico tcheco (*Museological Papers – Muzeologiché sesity* em tcheco, promovido pelo *Moravian Museum*) acrescido da palavra *working* para distingui-la. Critica, ainda, a posição centralizadora do editor, do ICOFOM, a

seleção dos colaboradores (Europa do Leste, particularmente os tchecos),³⁴ a seleção dos temas, que não era “necessariamente má”, mas sem explicações poderia significar um ponto fraco do comitê editorial.

Ele solicita o empenho do editor e do comitê para que esclarecessem os assuntos teóricos, de tal forma que outros, além deles, também pudessem compreender as questões em discussão e as perspectivas propostas, caso contrário era o mesmo que convidar oponentes para jogar um jogo sem explicar suas regras. A dificuldade sobre a natureza dos temas o faz confessar sem timidez: “(...) não compreendi nenhum deles”. Percebe que, alguns colaboradores, tinham apreendido o tema sobre museologia no sentido de corpo de conhecimentos e atitudes comuns a todos os trabalhos de museu, levando-o a inquirir se haveria – e fica velado um ‘de fato’ –, algo como Museologia, ou ciência de museu tal como era pensado nos países do leste europeu.

A explicação encontrada por Burcaw para as diferenças nas abordagens recai sobre a capacidade de dominar o significado das palavras. Um domínio que era notório para os representantes dos países socialistas, fazendo-os se revelar no tema, enquanto os representantes dos países ocidentais tendiam a perambular, escapar ou respondê-lo superficialmente; uma decorrência de não terem sido avisados do “léxico de Brno”. Ele não esconde suas próprias dificuldades para lidar com esse léxico, fazendo do leitor seu parceiro: “... (pense que alguns de seus termos, ‘musealidade, museístico, musealium, thesaurus de objetos etc.’) não são comuns no Ocidente” (*MuWoP*, n.º 2: 83 e 84).

Por sobre o domínio desse léxico tece uma outra

(32) Burcaw agradece a Sofka e ao ICOFOM o serviço que prestam, e a consideração para com seus comentários (*MuWoP*, n.º 2: 83).

(33) Sofka responde dizendo que se tratava de uma brincadeira; a denominação da revista poderia mudar, fato deixado em aberto numa curta seção para que os leitores sugerissem um novo nome para a revista (*A new name for MuWoP?* – p. 89) e relembra as estranhas composições (e, possivelmente o som emitido) de siglas de outros quinze comitês do ICOM: o CIMUSET, ICME, ICMAH, ICAA, CIMAH, ICAMT, CIMCIM, ICFA, IAMA, SIBMAS, AIMA, CIDOC, CECA, ICMS, MP e pergunta: ‘o que acha ...?’ (*MuWoP*, n.º 2: 86).

(34) A sua crítica sobre a seleção dos autores baliza de algum modo a posição do ICOM perante aos profissionais de museu. Burcaw relata que grande número de profissionais não pertencia às organizações nacionais, caso da *American Association of Museums*, e ‘muito menos’ ao ICOM. Questiona: “Se metade dos museus e trabalhadores de museu do mundo são da América do Norte, pode o Comitê Internacional para a Museologia e seu ramo editorial lidar completa e acuradamente com a museologia do modo como está agora constituído?”. O ICOFOM era formado por três alemães, dois tchecos e um cidadão da União Soviética. Uma outra queixa recai sobre a representação: “Vastos países, populações, nações e culturas não estão [nele] representados” (*MuWoP*, n.º 2: 83-84).

observação sobre as concepções de Museologia: uma europeia de base filosófica para tratar as coleções de museus, e a norte-americana, técnica. Por base filosófica refere-se à concepção particular de Museologia concebida pelos tchecos como a relação do homem com a realidade tridimensional, e ao uso eficiente das coleções para propósitos educacionais, a museologia aplicada, completa entre parênteses. Já a abordagem técnica norte-americana visava “... como fazer amigos, como obter financiamentos, como servir [ao público] com necessidades especiais, como criar belos ambientes, como elevar o moral de grupos minoritários, como ensinar às crianças fatos da natureza, como preservar coleções, como os *trustees* podem lidar com as leis, e assim por diante”. Essa polarização era, no seu entender, mais interessante que o próprio tema em debate. Declara, apoiando-se na sua experiência e participação em eventos que, nem mesmo nos encontros sobre museus nos Estados Unidos, tinha visto qualquer chamada para tratar diretamente com Museologia tal como apresentada no sentido europeu, ou seja, a Museologia do ICOFOM (e do ICOM).

Uma outra diferença destacada relaciona-se à visão do que se compreendia sobre aqueles que trabalham em museus, não “necessariamente museólogos”, a depender do que a eles estava concernente (Burcaw não explicita, deixando subentendida uma provável atribuição de tarefas) num país ou noutro. Ao encerrar com elogios suas críticas sobre o trabalho avançado e exploratório desenvolvido por este comitê, propõe uma “acomodação confortável” entre as duas posições: a pragmática, ministrada nos cursos da Universidade de Idaho (E.U.A), produtiva a curto prazo, e a filosófica, a da teoria de museu, ministrada na Universidade de J. E. Purkyne, em Brno, Praga, interessante a longo prazo. Concluiu que, embora os profissionais de museu não compreendessem ou concordassem com a abordagem do comitê, a profissão precisava desse modo de conceber a Museologia (ele diz, forma de pensar). Uma posição estranha, arremata, para alguém que tinha sido um oponente do ICOFOM na sua origem, e revertida – já que fazia parte do ICTOP, comitê para o treinamento profissional –, em razão de ter ele mesmo, e outros deste comitê, percebido que, ao ministrar Museologia para estudantes universitários se deveria estar envolvido necessária e profundamente com a teoria museológica. Estava

convencido de que a Museologia seria ciência “... um dia” (*MuWoP*, no.2: 83 e 84).

Nos “Comentários sobre os comentários pelo Editor”, Sofka vai ao rebate agradecendo em primeiro lugar as críticas aceitas por ele como demonstração de interesse e progresso da revista. Ater-nos-emos, dentre as respostas de Sofka, naquela que foca o aspecto da terminologia. Opondo-se duramente ao comentário de Burcaw sobre a seleção temática como um ponto fraco do comitê por não explicá-los, vincula tema e terminologia – sem retomar a expressão “léxico de Brno”. Revidou argumentando que se estava trabalhando em conjunto para elucidar os vários problemas museológicos. Da mesma forma, a variabilidade de opiniões deveria ser aceita como premissa, além disso, não havia como evitar que as pessoas não interpretassem ou não compreendessem os temas. Relembra a Burcaw que não haviam trabalhado ainda numa terminologia comum, vindo aí um estímulo para a discussão, e não uma desvantagem (*MuWoP*, n.º 2: 86).

Na seção seguinte (“O que vem depois? Direções do Editor”, composta por três tópicos: “E agora? Uma lista de verificação”, “Tema 3 – o objeto da museologia” e “Nossa cooperação – algumas regras”) ele procura esclarecer um “certo número de problemas terminológicos”, talvez como efeito das críticas de Burcaw.

Ao apresentar o tema “do momento” – “O objeto da museologia” –, previsto para a revista de n.º 3, procura explicitar o “objeto” e “museologia”. A elas refere-se simultaneamente como conceito ou palavra. Isoladas, escreve, teriam seus próprios conteúdos, mas inter-relacionadas e, no contexto do tema, explicariam quais “(...) os focos da museologia”. Procura detalhar: a palavra “objeto” não era auto-explicativa, podendo ser compreendida de acordo com a visão pessoal do colaborador. Alguns autores preferiam usar “o assunto”. Com “da museologia”, seu argumento é sintético e deixa em aberto a possibilidade de interpretações dúbias: ela delimitava o campo de análise. Essa sua preocupação em explicar as palavras, narra, decorria do fato de ter percebido que os temas propostos para o encontro de 1980, ocorrido no México, não tinham ficado explícitos (Interdisciplinaridade na museologia; O objeto da museologia; O sistema da museologia; Museus – a teoria, métodos e critérios para as atividades de coleta em museus; O museu – um banco de

informações?; O museu – um instituto de pesquisa?; O museu – um meio de comunicação de massa?). Apontou duas causas: o modo como tinham sido formulados e a falta de uniformidade da terminologia museológica – assim denominada por ele –, dando margem à variação interpretativa dos termos. Para Sofka, o problema terminológico não era novo; ele acompanhava a então recente busca para fazer surgir um outro terreno da Museologia (*MuWoP*, n.º2: 83 e 84). Numa outra publicação, anos depois, diz estar previsto e pronto para ser editado na revista n.º3 um “Glossário da MuWoP”.³⁵

Podemos apreender na *MuWoP*, a tentativa de enunciar a teoria da Museologia. Seu esboço foi sendo desenvolvido num questionamento articulado entre ciência ou trabalho prático, para traçar a teoria, e na interdisciplinaridade relacionada à Museologia, para a questão do método; seus dois grandes temas iniciais. O senso mais partilhado foi o de que os museus, nos seus aspectos operacionais, formariam as suas margens. Com tais parâmetros marcando o horizonte, os colaboradores passam a perceber que não bastaria discutir os aspectos que consideravam profundos da Museologia.

A “questão terminológica”, segundo André Desvallés, estava nos planos de Sofka, que pretendia criar uma seção de terminologia na *MuWoP/DoTraM*. Este editor em 1982, escreve Desvallés, tinha a noção de que não havia concordância dos termos nem mesmo dentro de um mesmo grupo linguístico, menos ainda de uma língua para outra, necessitando reunir autores, revisores e redatores para “...elaborar uma base conceitual comum para o debate. ...” (Desvallés 2000: 8). Esse, contudo, foi um aspecto que foi ficando paralelo indicando a premência em desenvolver temas para serem apresentados nos encontros.

No interior desse processo de construção da área é que a série *ICOFOM Study Series (ISS)* torna-se, com a finalização da *MuWoP-DoTraM*, o veículo de difusão dos temas debatidos entre os pares, indicando os rumos do que Mathilde Bellaigue denomina “campo museológico”, delineado por um temário ajustado aos pontos de vista do

comitê, ainda segundo esta autora, ou seja, balizado por uma dada concepção de Museologia como veremos a seguir (Bellaigue 2000: 4).

A série *ICOFOM Study Series (ISS)*³⁶

Peter van Mensch (1992, 2000), Tereza Scheiner (2000), Mathilde Bellaigue (2000) são unânimes em referir-se às publicações³⁷ do ICOFOM como elementos importantes para reforçar elos entre os participantes dos encontros, delas nascendo o que se entende hoje por teoria do museu, o alicerce para a disciplina universitária, segundo Scheiner (2000: 2).

O *ISS*, após a finalização da *MuWoP/DoTraM*, torna-se, de acordo com Peter van Mensch, a prova do potencial acadêmico desse comitê, a “mina-de-ouro” em sua expressão, que poderia ser explorada fora do contexto dos simpósios (van Mensch 1992, International Committee for Museology: 6 de 20). Na visão interna do ICOFOM, tomando-se as palavras de Martin R. Schäer, essa coleção de documentos básicos trata de questões fundamentais da Museologia,³⁸ reflete diferenças

(36) Ao nos referirmos a *ISS* nos remetemos à reedição editada em 1995. Pelo fato de terem sido distribuídos entre participantes raramente são encontrados em bibliotecas. Na Biblioteca do MAE/USP encontra-se a tal edição (período de 1983 a 1991) depositada, conforme fui informada, pela museóloga Maria Cristina Oliveira Bruno.

(37) Sofka insere no conjunto de impressos do ICOFOM duas publicações, uma de 1978 e outra de 1979. A de 1978 tratou de *Possibilidades e limites na pesquisa científica típica para museus* (ICOFOM Volume n.º 1); a de 1979 *Aspectos sociológicos e ecológicos nas modernas atividades dos museus à luz da cooperação com outras instituições relacionadas* (ICOFOM, Volume n.º 2) (Sofka 1992: s/n.º *Survey of topics taken up at ICOFOM activities: 1978-1988 and their break-down into sub-topics*).

(38) Na reimpressão de 1995 estão assim constituídos: LIVRO 1: (1983) *Methodologie de la muséologie et la formation professionnelle 1*, Londres; (1983) *Musée-territoire-société. Nouvelles tendances/nouvelles pratiques 2*, Londres; (1983) *Méthodologie de la muséologie et la formation professionnelle*; 3 – (1983) *Méthodologie de la muséologie et formation professionnelle; Musée-territoire société. Nouvelles tendances/nouvelles pratiques*; 4 – *Musée-territoire société. Nouvelles tendances/nouvelles pratiques*; 5 *Méthodologie de la muséologie et la formation*

(35) Cf. Sofka em *Survey of topics taken up at ICOFOM activities 1978-1988 and their break-down into sub-topics* (Sofka 1992: s/n.º)

regionais de abordagem e são comprovantes do esforço realizado para consolidá-la como ciência.

Entenda-se essa consolidação como relativa se levarmos em conta que essa publicação enfrentou problemas de distribuição, realizada somente entre colaboradores e participantes dos encontros. Isso criou conflito entre a proposta firmada para que a série servisse como fórum aberto de idéias (tal como a *MuWoP*) e o real alcance em razão dos próprios limites de distribuição, ficando aquém do pretendido objetivo de que fosse uma publicação de acesso amplo. Um obstáculo interferindo na transferência de idéias de um simpósio para outro, justificando, na avaliação de van Mensch, as poucas referências a essa série, diferentemente da *MuWoP* mais citada (Mensch 1992, *ibid.*).

Sob alegação de falta de verbas e tempo, não estava prevista qualquer modificação editorial (Schäer 1995: s/n), refletindo na produção gráfica e apresentação singela. Sem contar com traduções ou revisões, os textos eram recebidos nas línguas de trabalho do ICOM. Na leitura hoje desse material, tem-se a impressão de estar frente aos documentos originais nos quais se fixou o frescor da idéia. Alguns deles trazem correções manuscritas sobre a datilografia de base;³⁹ vêem-se colchetes inseridos no meio da frase para completar uma palavra ou idéia, traços de junção para unir uma

palavra, letras acrescidas corrigindo a escrita em inglês ou francês ou traços colocados para separar palavras ou vírgulas que, provavelmente, foram esquecidos no momento da datilografia, o mesmo ocorrendo em esboços e diagramas. A declaração de falta de verbas nos faz supor dificuldades às quais o próprio comitê estava sujeito – sem muito apoio, pensa-se – e na dependência do esforço de poucos. A falta de tempo sugere um trabalho sob pressão para a produção desses documentos.

Os textos elaborados por pessoas de nacionalidades diversas e, assim, concebidos em línguas diferentes entre si, redigidos necessariamente em inglês ou francês sugerem um ajuste, ao menos relativo, entre os significados das palavras. No entanto, esse ajuste é aparente. Waldisa Rússio, por exemplo, abre um documento comentando que malgrado houvesse “problemas de semântica” e questões ideológicas, ter-se-ia que buscar um outro ponto comum que unisse os colaboradores e esforços deveriam ser enviados para encontrar esse elo de união (Rússio, *ISS*, n.º 5: 32).

A série tem uma estrutura geral formada por documentos básicos, comentários, sumários e, às vezes, um documento introdutório. A escolha dos temas, bem como toda a seqüência de trabalho, fazia parte de um programa desenvolvido por Sofka como “Modelo dos simpósios do ICOFOM” arquitetado para funcionar em fases. Da fase preparatória constavam os seguintes momentos: de escrita dos documentos básicos, dos comentários e análise dos sumários (com tempo previsto de dois a três meses antes do simpósio para a fase de escrita). Para cada fase ele planejava um tempo de preparação, impressão, distribuição dos documentos aos participantes, para o grupo de discussão, para os que preparavam os sumários e para os participantes inscritos no simpósio. Na fase de atividades posteriores, a idéia era de que um relatório de atividades, resumos, sumários e conclusões fossem publicados na *MuWoP*.⁴⁰

Os temas eram determinados na primeira fase, a conceitual, momento em que eram traçadas as bases de discussões e pontuados os subtemas. Seguiu-se a fase preparatória, a de discussão, e a de atividades posteriores incluindo a adição de

professionelle; 6 Collectionner aujourd’hui pour demain (1), Leiden, 1984; e 7 Collectionner aujourd’hui pour demain (2) LIVRO 2: (1985) Originaux et objets substitutifs dans les musées 1, Zagreb; (1985) Originaux et objets substitutifs dans les musées 2.

LIVRO 3: (1986) Muséologie et identité 1, Buenos Aires; (1986) Muséologie et identité 2.

LIVRO 4: (1987) Muséologie et musées 1, Helsinki; (1987) Muséologie et musées 2.

LIVRO 5: (1988) Muséologie et pays en voie de développement – aide ou manipulation 1, Hyderabad/Varanasi/New Delhi; (1988) Muséologie et pays en voie de développement – aide ou manipulation 2.

LIVRO 6: (1989) La prospective – un outil muséologique? Muséologie et futurologie, Den Haag; (1998) Museology and environment, Livingstone/Mfuwe; Zâmbia; (1990) e mais um livro que não foi publicado (o que seria de no. 18) LIVRO 7: (1991) Le langage de l’exposition 1 (Vevey); (1991) Le langage de l’exposition 2. (*ISS*, no. 1: 26.27).

(39) Os manuscritos apresentam-se tal como foram enviados pelos autores, o que explica, para Martin R. Schäer, a diferença na qualidade das impressões marcada pela diversidade tipográfica (Schäer 1995, n.º 1: s/n).

(40) (Sofka 1992: *Model for ICOFOM symposia, s/no*)(Ver *ISS 13 – Museologia e museus: 7-8*).

documentos básicos ou de comentários, sumários, conclusões e uma nova distribuição ou, redistribuição. Essa a estratégia do editor como mediador entre o comitê e os colaboradores, numa participação que era voluntária e de direito para os membros do ICOFOM, mas um convite extensivo a outros. Importava, acima de tudo, a participação (como vimos, mesmo “em espírito”, significando o envio de textos), encorajar os membros, a troca de idéias e das experiências.

A abertura dos simpósios para todos os interessados “especialmente aqueles dos museus e de departamentos ou instituições de estudos de museus”, fossem ou não membros do ICOFOM ou do ICOM, e a participação no que Sofka denominava “atividades científicas” faziam parte de princípios a serem seguidos visando assegurar uma apresentação ampla de idéias e pontos de vista (Sofka 1988: 17). Com isso, ele imprimiu uma dinâmica cujos resultados se fizeram sentir na recepção de textos por escrito, ainda que em menor número do que esperado.⁴¹

Por vezes, antecedendo os temas, reflexões prévias eram enviadas, redigidas por Sofka ou algum convidado. São as “provocações”,⁴² uma outra forma de estimular as discussões com o intuito de apontar um caminho a ser comentado pelos autores. Um traço importante dessa publicação é o tom de diálogo, notado nos comentários que uns tecem sobre as idéias dos outros, reforçando a produção feita entre pares através da troca e geração de idéias que assim iam se desenvolvendo. Os colaboradores também foram escolhidos entre pessoas eminentes, ativas em museus ou universidades com o objetivo de manter um alto nível intelectual para as discussões realizadas nos encontros e, conseqüentemente, na produção dos documentos.⁴³ Um procedimento que nos diz novamente da necessidade de referendar a qualidade do debate pela competência dos participantes.

O tratamento dos temas, a princípio, era dado de modo predominante pela perspectiva europeia de Museologia, fato não despercebido por Sofka.⁴⁴ A escolha dos temas nem sempre se dava de modo pacífico (Sofka 1995:2), mas ele não explicita os motivos das discordâncias ou critérios de escolha. A aprovação era conferida nos encontros entre membros ativos e participantes do comitê, formando um circuito relativamente fechado de transmissão e circulação das idéias.

Para Mathilde Bellaigue, partícipe do grupo francês da ecomuseologia e nova museologia, o conjunto de trabalhos do ICOFOM (conferências, encontros, seminários etc.) resultou num “campo museológico ampliado” (Bellaigue 2000: 4-5), graças a um quadro de referência específico do comitê. Esse quadro referencial fundava-se numa outra noção de objeto da Museologia e de patrimônio extenso; primeiro com a noção de objeto relacionando museologia/museu/coleções e, depois, museologia/homem-sociedade-realidade (cf. contribuição de A. Gregorová, *MuWoP* n.º1) e de Museologia como “fato museal” (cf. contribuição de W. Rússio) definido como “a relação profunda entre homem sujeito que conhece, e o objeto; a parte da realidade à qual pertence, e sobre a qual tem o poder de agir” explicitando a relação entre museologia/homem-sociedade-homem, o compreendendo capaz de interferir e modificar a realidade (*MuWoP*, n.º2: 56-57). A noção de patrimônio passa a ser entendida para além da dimensão material de objetos e incorpora as manifestações imateriais, o cultural e o natural acompanhando, segundo van Mensch, o desenvolvimento do conceito de Cultura trabalhado pela Antropologia. Da junção dessas duas noções – a de objeto da Museologia e de patrimônio extenso – se tem o escopo “alargado” desse campo que deveria fundamentar o trabalho de museus com base no princípio de que é o homem que se sobrepõe ao objeto de museu e, não, o seu contrário (cf. van Mensch, de acordo com Bellaigue). Essa a grande missão dos museus. Por isso a idéia de patrimônio como “instrumento” que tais instituições deveriam

(41) Ver Report on preparations of the symposium – *ISS* 2, 1995:2.

(42) Cf. Before you write your paper. Some words from the ISS Editor apresentando a “...provocative check list by Zbyněk Z. Stránský” (*ISS* 6, 1995: 7-9)

(43) Ver *ICOFOM symposium 1984, its aims and organization by Vinos Sofka. ISS* 6, 1995: Leiden, October/octobre, 1984: 3.

(44) O próprio Sofka escreve que o número de museólogos da Europa no ICOFOM era muito maior do que de outros continentes, fator que responde pela desproporção por exemplo do recebimento de 17 documentos dos quais 11 eram de europeus, 4 da América; 2 da Ásia para o encontro em Leiden, 1984 (*ISS* 6, 1995: Leiden, October/octobre 1984: 4).

colocar a serviço da sociedade “... (...) para sua memória, educação e desenvolvimento” (van Mensch 1989). De acordo com Bellaigue, foram essas as duas idéias essenciais sistematicamente analisadas pelo comitê (Bellaigue 2000: 4-5); o prisma através do qual é percebida a Museologia e os museus nos temas do ICOFOM.

Matilde Bellaigue realiza no ano 2000 um balanço da produção de vinte e dois anos desse comitê sem se propor a categorizar sua produção, mas a organiza em grupos de questões tratadas segundo os colóquios: o objeto teórico e o método; o objeto museal; a museologia e ciências humanas e da sociedade; aqueles referentes à museologia social; os de aplicação da teoria museológica em tipos de museus, e a museologia como partícipe das ciências sociais e ramo da filosofia. Distribui a produção da seguinte forma:

- objeto teórico e método: *MuWoP*, n.º 1 e 2;
- objeto museal: os textos que tratam sobre Coleta (*Coleta hoje para o amanhã*, nos encontros; *ISS*, n.º 6 e 7, 1984); Preservação (*Originais e substitutos em museus*; nos n.º 8 e 9, 1985); Pesquisa (*A linguagem das exposições*; n.º 19; 1991) e Informação e Comunicação (*Objeto – documento?*, 1994);
- Museologia e ciências humanas e da sociedade: *Metodologia da museologia e a formação profissional* (*ISS*, 1983); *Museu, território, sociedade. Novas tendências/novas práticas* abarcando conceitos como ecomuseologia (com Rivière, Bellaigue, Desvallés e Mayrand), “nova museologia” (com André Desvallés), e de “museu total” (com Sola) presentes na *ISS* de 1983;
- Museologia social (com cunho também político): *Museologia e identidade* (n.º 10 e 11, 1986); *Museologia e museus* (1987); *Museologia e países em desenvolvimento – ajuda ou manipulação?* (n.º 14 e 15, 1988); *Museologia e meio-ambiente* (n.º 17, 1990); *Museologia, espaço e poder*, 1993); *Museu e comunidade I & II* (1994 e 1995).
- aplicação da teoria museológica (dentro da ótica de “museu total” aquela que enfoca o museu numa perspectiva global e em suas palavras ‘valiosamente antropológica’): *Museologia e museus de arte* (1996).
- Museologia como partícipe das ciências sociais e ramo da filosofia: *Museologia e*

futurologia (n.º 16, 1989); *Museologia e memória* (1997); *Museologia e mundialização* (1998); *Museologia e filosofia* (numa reunião anual, 1999)(aspas duplas da autora)(Bellaigue 2000: 4-5).

Sobre a aplicação da teoria museológica, Bellaigue pondera a dificuldade em projetar essa abordagem na prática ao tratar com museus de Belas-Artes. Valemo-nos de suas próprias palavras: “certos temas (...) [são] manifestamente pertinentes para museus de etnologia, história natural, de técnicas...”. Ela também não comenta sobre o compromisso de cooperação entre o ICOM e a Unesco⁴⁵ que, certamente, influi sobre os temas dos encontros, particularmente nos que tratam da relação entre museus e problemas mundiais e em países da África, Ásia e América Latina.

Dentro da perspectiva “icofoniana” especula-se – para empregar uma expressão de Tomislav Šola (*ISS*, n.º 16: 276) –, fazem-se prospecções para sondar esse relacionamento no futuro, quer da Museologia e museus, quer aspectos da profissão, profissionais e museus, e assim por diante. Sem dúvida, é o enfoque sobre o tema que distingue a abordagem desenvolvida no interior do ICOFOM. Relembremos o objetivo do comitê de dar feição à Museologia guiado por uma pergunta que o acompanha: se existia um conhecimento desenvolvido a partir dos museus, e se esse conhecimento denominava-se Museologia, qual a trama a ser evidenciada entre ela e museus? Dito de outro modo: quais as relações a estabelecer entre a ‘essência’ (a Museologia) e a teoria e a prática?

Sofka roteiriza o tema em sub-temas para não correr o risco de formulações muito gerais, ele mesmo o declara. Alguns exemplos, procurando compor o que entendia por teoria e prática, podem ser acompanhados no quadro a seguir com dados e o volume de documentos por ele coletados (Sofka 1992, s/no.; 1995, vol.6: 3 e 4, 5 e 6).

(45) Em 2 de outubro de 1947 foi assinado acordo entre a Unesco e o ICOM para estabelecer as modalidades de cooperação (*L’Unesco et l’ICOM: trente-quatre ans de coopération. Museum*, vol. XXXII, n.º 3, 1980: 154-162). Temas amplos tratados pela Unesco/ICOM referem-se aos problemas dos países em desenvolvimento, ecologia e meio ambiente, diversidade cultural, Aids, pobreza, violência, entre outros (ver Baghli, Boylan, Herreman 1998: 13-37).

IDÉIA (Museologia é...)	AUTOR E PROCEDÊNCIA	CARGO E ÁREA DE ATUAÇÃO
Tema 1 – Metodologia da museologia e treinamento profissional (1983). 13 documentos básicos, 13 comentários e 2 sumários.	O objeto da museologia; Qual a natureza do conhecimento museológico?; Qual o sistema da museologia e como percebe as relações interdisciplinares entre os diferentes campos?; Quais os objetivos do conhecimento museológico?; Métodos do conhecimento museológico; Métodos para a museologia.	
Tema 2 – Museu – Território – Sociedade: novas tendências – novas práticas (1983). 11 documentos básicos, 4 comentários e 2 sumários.	Ecologia e o papel dos museus na disseminação da informação sobre seus resultados; O ecomuseu dentro do escopo da tipologia de museus: o trabalho nos ecomuseus.	
Tema 3 – Coletando hoje para o amanhã (1984). 20 documentos básicos e 4 comentários.	O objeto de museu – o que e porquê?; Critérios para a seleção de objetos de museu, e limites de seleção; A dimensão global das coleções e retribuição das novas e atuais <i>holdings</i> ; Política de aquisição e sua apropriação para as necessidades futuras.	
Temas 4 – Originais e substitutos em museus (1985). 1 documento introdutório, 29 documentos básicos e 11 comentários	Originais <i>versus</i> substitutos, conceitos e definição; Substitutos justificados e não justificados – as implicações éticas e aspectos legais; Tipologia dos substitutos; Substitutos – implicações no trabalho de museus.	
Tema 5 – Museologia e identidade (1986). 1 documento introdutório, 43 documentos básicos, 15 comentários e 2 sumários.	Definição de identidade compreendendo sua dimensão natural e cultural; Abordagem dos museus para com a identidade; Papel da museologia.	
Tema 6 – Museologia e museus (1987). 1 documento introdutório, 40 documentos básicos, 12 comentários, 4 sumários e 1 conclusão.	O conceito mutável do museu no tempo, no espaço e no geral, com definição de museu como é vista hoje, com formulação de seus objetivos e papel, classificação dos tipos e categorias; Museologia, museus e suas inter-relações; Museus e instituições relacionadas; Aplicações práticas para o mundo dos museus.	
Tema 7 – Museologia em países em desenvolvimento (1988). 1 documento introdutório, 43 documentos básicos, 14 comentários, 8 sumários e conclusões.	Herança cultural e natural, museologia e museus em países em desenvolvimento; Herança cultural e natural, museologia e museus em países desenvolvidos; Museologia e desenvolvimento – o desenvolvimento da museologia: conclusões.	

A geografia do mapa teórico da Museologia, esboçada nas publicações *MuWoP/DoTraM* e no *ISS*, indica interesses “icofonianos” mais formais e generalizantes tendo em mente uma teoria explicativa. Uma operação feita à base de temas e perguntas em

tópicos para induzir a interpretação que levou à organização e estruturação da área sob o rótulo Museologia, deixando de ser uma adjetivação de qualquer coisa referente a museus, mesmo que muitos temas fizessem com que o discurso fosse mantido a

partir deles. Aos poucos vão se tecendo possibilidades explicativas para a conexão entre Museologia e museus. As propostas temáticas, trabalhadas em perguntas e respostas, exigiram reflexão e, com isso, passa-se para a formulação de noções mesmo sem consenso conceitual e terminológico. Surge uma estrutura disciplinar e o campo Museologia adquire margens implantadas além da instituição. Inseguras talvez, mas margens. O trabalho “icofoniano” empurrou-as (ou incorporou-as) para além do museu.

Vamos a uma outra perspectiva da Museologia, aquela que apresenta a prática dos museus. Estamos no quadrante da divulgação. O destinador principal é a Unesco dirigindo-se a um grupo muito mais amplo de destinadores: os profissionais de museu.

A prática divulgada

A *Mouseion*, e o primeiro número da *Museum*

A *Museum* dá seqüência à *Mouseion*, uma das revistas europeias sobre museus,⁴⁶ cuja publicação perdurou de 1922 a 1946 sob os auspícios da Organização Internacional de Museus (OIM).⁴⁷ A *Mouseion*, amparada pelo Instituto Internacional de

(46) Ver Mairesse 1998: 25. Para publicações da OIM, ver *Mouseion*, vol. 31-32, 1935: contracapa.

(47) A Organização Internacional de Museus (*L'Office International des musées*) foi um organismo ligado ao Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI) e esse à Organização Internacional do Trabalho (OIT), resultado de um pedido do governo francês à Liga das Nações, Assembléia ou Sociedade das Nações, para que aceitasse acolher em Paris esse instituto. Tal organismo pretendia a cooperação intelectual entre especialistas, servindo de coordenadora internacional da conservação de obras de arte e monumentos históricos. Preocupava-se em organizar, criar normas legislativas e administrativas para gerir o patrimônio artístico e ‘os múltiplos problemas da museografia técnica e administrativa’. Seus grupos de trabalho dividiam-se em quatro atividades principais: estudos administrativos e pesquisas técnicas, trabalhos de coordenação, acordos internacionais e serviço de documentação (*Mouseion. Rapport annuel pour l'exercice 1934-1935*, vol. 31-32, 1935: 233-257). Segundo Daifuku, mesmo durante os conflitos da Segunda Guerra, quando a Liga das Nações demonstrava sinais de enfraquecimento, não cessaram os trabalhos do IICI. Em 1946 os arquivos deste organismo foram transferidos para a recém-formada Unesco (Daifuku 1998: 9). François Mairesse, conta um pouco diferente esse percurso: em 1925 o historiador de arte Henri Focillon lança a idéia de criação do OIM (Mairesse 1998: 25).

Cooperação Intelectual foi criada para facilitar a aproximação dos povos e os conduzir a uma compreensão durável entre eles (Mairesse 1998: 25). Sua publicação foi interrompida antes da Segunda Guerra e retomada pela Unesco, sob a denominação *Museum*, para propagar técnicas museográficas a todos os profissionais de museu – os museógrafos –, dos quais dependeria, pelo seu interesse, a continuidade dessa publicação (*Museum*, 1948).

No ato constitutivo da *Museum* é declarado que ela vem para auxiliar no avanço e difusão do saber, velar para a conservação e proteção do patrimônio universal de obras escritas, de arte e monumentos de interesse histórico ou científico, dentro de um programa de cooperação internacional (Mayor 1998: 4).

Um comitê consultivo de redação foi instalado com a respectiva nomeação de secretários para elaborar o plano de trabalho com a tarefa de levantar o estado dos museus depois da guerra, estabelecer as perspectivas futuras, estipular os sumários de cada número. A opção pela forma ‘coleção’ ocorreu em virtude do vasto programa a ser cumprido. Seus objetivos imediatos eram: assegurar os intercâmbios profissionais e conselhos técnicos; encorajar os museus e seus técnicos a servir mais eficazmente o grande público; esforçar-se para atingir um público em escala mundial, indo além dos limites do continente europeu, e contribuir para a realização dos objetivos da Unesco no engajamento de especialistas na luta comum pela difusão do conhecimento e da compreensão internacional indispensáveis à paz.⁴⁸ Um periódico

(48) A *Museum*, vol. I, n.º 1-2, 1948, apresenta-se: “Unesco takes pleasure in launching *Museum for the museums of the world*, on whom Unesco calls directly for co-operation programme and for aid in its work of establishing the intercultural and in understanding basic to the peace of the world. Em inglês e francês – Assinado Diretor Geral. 1948 – *Museum*, successor to *Mouseion*, is published by the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, in Paris. *Museum* serves as a quarterly survey of activities and means of research in the field of museography. Opinions expressed by individual contributors are not necessarily those of Unesco”. Além dessa publicação a Unesco contava com uma Divisão de museus e monumentos, rebatizada posteriormente como Divisão do Patrimônio que lançou a publicação *Museus e monumentos*, mantendo uma linha de atividades e preocupações com a preservação de monumentos históricos (Daifuku 1998: 11).

de informação e instrumento de pesquisa no domínio da museografia, tal como está inscrito nos créditos de apresentação (*Museum*, 1948. Folha de índice).

Segundo a visão retrospectiva do corpo editorial da *Museum International* (2001), as chaves-mestras dessa publicação sobre a “evolução da teoria e prática da museografia” se fizeram sobre quatro temas especialmente: museologia e desenvolvimento endógeno; cultura e ambiente; a transferência do conhecimento e identidade; propriedade e proteção da herança patrimonial. Essas chaves são o ferramental para o entendimento do papel dos museus em nossa sociedade, das várias formas como contribuem para a evolução intelectual e como se vêem no futuro. Foram também revistos, documentados e disseminados ao longo de décadas todos os aspectos do trabalho prático em museus, tornando-a o único órgão internacional que “promoveu os projetos museográficos e culturais de todos os países do globo”. Os museus – “[o] lugar de reflexão sobre a herança patrimonial e a cultura” –, não podem estar desvinculados das questões do seu tempo, promulgam os editores.⁴⁹

A *Museum* herda um caminho aberto e uma tradição, com outras perspectivas e num outro momento da conjuntura mundial.

Para Raymonde Frin essa revista “destinada aos museus do mundo”, propiciou a discussão de questões de fundo tornando-se conselheira da comunidade mundial, exercendo influência útil nos países, definindo funções institucionais inovadoras, contribuindo para que as próprias comunidades assumissem sua parte na responsabilidade de cuidar de seus museus, e auxiliando para que fossem reconhecidos cada vez mais como instrumentos de educação notória (Rin 1998: 5-8).

Na análise de Mairesse, a *Museum* foi mais internacionalista do que a antecessora, fato demonstrado pela proveniência de autores de mais de quarenta países, alterando a cena internacional de uma museologia antes latina (no período da *Mouseion*) para uma de orientação anglo-saxônica. Uma outra diferença entre ambas é que a *Mouseion* – internacional na visão da OIM –, dedicava-se quase que exclusivamente aos museus de arte e história, e foi contemporânea da Europa colonialista que procurou impor sua cultura ao resto do mundo. A *Museum*, ao contrário, interessou-se por museus do mundo inteiro, ampliando a noção de ‘internacional’ mas, ainda, eurocêntrica, e por uma vasta tipologia – de museus de ciência ao esporte.⁵⁰ Esse autor compara o folhear dessas duas revistas (*Mouseion* e *Museum*) com a sensação de nostalgia que temos ao rever um “álbum de família”, pois nos faz evocar o passado na história dos museus, percebido nas imagens das reproduções fotográficas, das técnicas de exposição que se tornaram obsoletas, de invenções então “revolucionárias” que se tornaram depois comuns como o cinematógrafo, radiodifusão, utilização de raios infravermelhos para análise de obras de arte... (Mairesse 1998: 25).

Nos valem da descrição de um exemplar da *Mouseion* que, se reforça a sensação captada por Mairesse, também apresenta um aspecto por ele não explorado em seu artigo e que nos interessa particularmente, nos dando, pela estrutura das seções, um panorama específico dos assuntos tratados sob a rubrica ‘museu’. Percorreremos o índice do exemplar de 1931 (n.º III, vol. 15);⁵¹ os assuntos tratados na primeira e grande seção (sem titulação) apresentam articulistas credenciados – professores, doutores – (outros são apresentados somente por seus nomes) com artigos sobre conservação e restauro relatando o

(49) *Museum International* – A guide tour of our past –, no.212, 2001, vol. 53, no.4: 3-4. Tendo como editor chefe, Isabelle Vinson; Christine Wilkinson como Assistente editorial; e no Comitê Editorial: Manus Brinkman (Secretário geral do ICOM, *ex-officio*); Amareswar Galla (Austrália); Gaël de Guinche (ICCROM0); Yanni Herreman (México); Nancy Hushion (Canadá); Jean-Pierre Mohen (França); Stelios Papadopoulos (Grécia); Michael Petzelt (Presidente do ICOMOS, *ex-officio*); Tomislav Sola (Croácia) e Shaje Tshiluilá (República Democrática do Congo) no comitê editorial.

(50) No período da *Museum* a França e a Itália encabeçavam a lista seguida pelos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Alemanha. No período da *Museum* se amplia o leque internacional, mas os ‘grandes nomes’, escreve Mairesse, são os Estados Unidos, França, Inglaterra, Alemanha e Rússia. Os países antes “mudos” surgem então na cena internacional, como o México, Brasil, Índia e Canadá (aspas duplas do autor) (Mairesse 1998: 26; 28-29).

(51) O número citado encontra-se na biblioteca do Museu Paulista/USP, é o mais antigo que conseguimos localizar nos acervos dessa universidade.

emprego de técnicas mais novas para cuidar das obras de arte. A seção seguinte, denominada “Museografia geral”, traz um artigo sobre os perigos no transporte de obras de arte e outro sobre exposições (neste caso, de museus alemães, no período de 1920 a 1930). Ainda mais específica é a seção “A conservação de obras de arte” sobre a conservação de estuques (da Porta Maggiore) e de salas das termas de Baia. Relatórios de atividades da OIM são divulgados em “A atividade da Organização Internacional de Museus” e, na seção seguinte, as novidades: “A vida dos museus” apresentando novas salas de exposição (“Uma seção chinesa no Museu de Leipzig”, Alemanha); novos museus (“Um novo museu de Arte em Portland”, Estados Unidos), novas exposições de obras de arte (nos museus regionais da França) e informes sobre precauções de conservação e distribuição (exposição) das obras com o “desejo sincero de melhorar a apresentação e divisão das obras”, além de notícias sobre museus na Grécia, Itália,⁵² Noruega e Turquia.

Bibliografias recentes são referenciadas (Anuário dos Museus e das Galerias de Arte das Ilhas Britânicas; Anuário de Belas Artes na Suíça; Relatório da 15ª Reunião dos Museus de Arte de Cleveland). Publicada em francês, conta com suplementos curtos em inglês, alemão, espanhol e italiano com cinco páginas dedicadas a cada um deles. A revista é ilustrada com fotos P/B e, numa delas, se vê uma sala de exposição com pesado mobiliário em madeira (*Mouseion*, 1948: 97).

A palavra ‘doutrina’ faz às vezes de ‘questões teóricas’, observável na contraposição a ‘problemas de ordem técnica’, dos quais se pode acompanhar o emprego no relatório de uma das reuniões do comitê diretivo da OIM (nesse mesmo exemplar) expondo, em sua pauta,

(52) Nas notícias sobre a Itália há um informe sobre o Conselho Superior de antiguidades e de Belas-artes apresentando os membros que o constituem e responsáveis pela organização e aquisição de obras de arte e de peças arqueológicas, presidido pelo Ministro da Educação, vice-presidência de um príncipe, e para cada seção (de Antiguidades, Arte Medieval e Moderna, Arte Contemporânea, Arte Musical e Dramática) os respectivos professores, um arqueólogo, um príncipe e um conde (*Mouseion* 1932: 105).

projetos de estudos a serem realizados por uma comissão consultiva de especialistas para o ano de 1932.

Dentre as questões a serem estudadas, todas voltadas para obras de arte, se encontra a conservação, um repertório sobre obras de arte que tinham sido desmembradas, a organização de um centro de documentação de reprodução de obras de arte, o estudo de diferentes legislações para coleções públicas, a organização ‘mais racional’ de reservas e depósitos nos museus, a regulamentação uniforme de dispositivos relativos ao direito de cópia nos museus, “etc..., etc....”. Nas grandes linhas para o programa de uma conferência internacional a ser realizada (em 1932) estavam os problemas de ordem administrativa e legislativa e os de ordem técnica e jurídica, e um terceiro grupo de questões, destacado dos anteriores – “as (...) de doutrina” –, para os quais o comitê consultivo esperava que se chegasse à “conclusões de princípio” de forma a inspirar “administradores competentes dos diferentes países (...)”. As diferentes legislações sobre conservação e proteção de monumentos de arte e história estavam inseridas nas questões administrativas e legislativas e, nas de técnica, especialistas qualificados seriam chamados para tratar de “métodos novos aplicados à conservação de monumentos de arte bem como de problemas conexos” (p. 92).

Fazemos um salto no tempo para nos aproximarmos mais detalhadamente da *Museum* sem perder de vista que nela vamos encontrar questões “puramente técnicas, matérias museográficas”, endereçadas para um público especializado de profissionais – um “público cultivado em geral” – (*Museum*, 1948: 3 e 5).

O lançamento da revista,⁵³ sob nova denominação, se fez em julho de 1948, num número bilíngüe (inglês e francês), levou um ano para ser completada e resultou num volume de mais de cem páginas. Relembramos o momento em que ela renasce, em meio a um clima de reconstrução da

(53) Dentre os vinte e sete membros da comissão de redação destacamos a presença do Brasil com o baiano José Valladares, ao lado de representantes da Suécia, Grã-Bretanha, Canadá, China, Estados Unidos da América, Equador, França, Alemanha, Áustria, Tchecoslováquia, Austrália e Bélgica (*Museum*, n.º 1: 1948).

Europa que sofrera destruições de toda natureza no rastro da Segunda Guerra, inclusive a de museus. Rapidamente se forma em nossa mente uma paisagem em destroços exigindo esforço, trabalho, recuperação. É justamente nesse tom que é impresso o primeiro exemplar dedicado aos museus franceses.

A tônica de renovação é forte, e as imagens das fotos P/B reforçam ainda mais essa sensação mostrando a recolocação de peças, andaimes, serviços de limpeza, a remoção de telas de caixas de madeira, e assim por diante ou, ao contrário, de salas de exposição já rearranjadas. Um trabalho que foi levado a cabo por muitas pessoas, dentre eles os museógrafos (*museographers of Europe*, em inglês; *muséographes* em francês) com a sugestão para “os colegas estrangeiros” seguirem e adaptarem as idéias apresentadas (*Museum*, 1948: 2 e 4). Os autores dos artigos são apresentados como ativos profissionais de museus e responsáveis pela condução dos trabalhos de reorganização; obra que não se limitava somente a fazer voltar as peças aos seus lugares anteriores mas exigia o rigor das classificações (cf. Salles 1948).

Ao redor do tema central – a reinstalação das exposições ou de museus –, os autores vão detalhando os critérios usados em seus trabalhos com as coleções, descrevendo a situação de muitos departamentos do Louvre, o grande foco desta publicação.⁵⁴ Os autores transmitem conselhos práticos e fazem sugestões algumas, aos olhos de hoje, saborosas, curiosas, estranhas ou tão familiares indo numa gradação de como selecionar peças dentro de coleções específicas à montagem interna de vitrines.

Um aspecto que chama a atenção é sobre a preparação profissional desenvolvida pela Escola do Louvre,⁵⁵ nos dando um panorama da “ciência

da museografia”, criada aos poucos e em substituição aos ensinamentos transmitidos por tradição de um conservador para o outro. O curso, com duração de três anos, oferecia matérias de arqueologia e epigrafia, história, e museografia composta por uma parte teórica com ensinamentos sobre história, princípios gerais de organização e apresentação dos museus e das coleções particulares (na França e no exterior); administração, organização, funcionamento e valor dos museus; técnicas ministradas por “especialistas de entretenimento”, ensinamentos repassados por especialistas sobre conservação e restauração de obras de arte. Faziam parte da formação estágios e visitas aos diferentes departamentos do Louvre e outros museus franceses, e um trabalho final de conclusão de curso (Aubert 1948: 37-38). Essa atividade profissional, segundo George Salles, Diretor dos Museus de França, exigia disciplinas “precisas e minuciosas”. Para Salles, os museus deviam estar adaptados “a todas as disciplinas e a todos os públicos, (...) um meio de estudo e um espetáculo sugestivo, um conservatório e um órgão de grande difusão (...)” (Salles 1948: 10 e 7).

Em quase 80 anos de publicação, percebe-se a constância de temas entre a *Mouseion* e a *Museum* (em meados dos anos 90 passa a se denominar *Museum International*). Para Mairesse, na *Mouseion*, já se encontravam assuntos que ainda estão na pauta dos profissionais de museus, assim os apresenta: o papel dos museus na sociedade, a educação, as funções de pesquisa, as de aquisição, conservação e comunicação, os problemas de construção dos edifícios, os de inventário e catálogo de coleções, e mesmo as questões com campanhas publicitárias (Mairesse 1998: 26.). Os temas da *Museum*, segundo Raymonde Frin, vinculam-se aos programas da Unesco e valorizam a cooperação entre os países num mundo cujo primado é o da diversidade (Frin 1998: 7-8).

Mairesse divide em três períodos esse temário: entre 1946 e 1973; de 1972 a 1985 e de 85 aos nossos dias, com marcos assumidamente arbitrários. No primeiro período a prioridade é sobre as atividades educativas e de exposição, com menor insistência sobre os problemas de conservação e pesquisa, e também a formação profissional. A preocupação dos museus com o ensino e o serviço para

(54) A guerra tinha esvaziado os museus, explica George Salles, então Diretor Geral dos Museus Franceses, uma vez voltando à vida “habitual de um povo civilizado” (Salles 1948: 9).

(55) O programa dessa escola foi sendo mudado para acompanhar as mudanças aceleradas nos museus e o programa administrativo governamental, e também para capacitar um maior número de pessoas com formação científica uniforme pois, explica Aubert, a diplomação era exigida para todos os candidatos a conservador que fossem atuar nos museus nacionais, departamentais ou municipais franceses (Aubert 1948: 37-38).

todos são assuntos recorrentes desde o seu lançamento. De 1972 a 85, paralelamente à crise econômica, se dá o questionamento do papel dos museus na sociedade, com maior cuidado sobre a participação da coletividade e as questões de identidade cultural. São tempos de uma nova cultura, da “nova museologia” e os ecomuseus. Tempos de ação, quando se publicam artigos sobre museus e desenvolvimento e museus e meio ambiente. Um terceiro período abarca temas sobre financiamentos de museus (amigos dos museus, marketing, mecenato, privatização). Um assunto que mereceu edição especial, categorizado por Mairesse dentro dos temas de “prática museológica”, foi o do emprego de microcomputadores em museus discutido em meados dos anos 70, os quais chegam aos 80 incorporados como equipamento importante para tarefas de documentação (especialmente os inventários) ou meio de comunicação. O aspecto técnico e a mudança dos centros de interesse são ressaltados como pontos de influência no desenvolvimento dos museus; os técnicos, na medida em que ampliaram os limites geográficos chegando ao ciberespaço, e novas expressões de arte, esporte, cinema, a cidade, a fome, como temas responsáveis pelo deslocamento dos centros de interesse (Mairesse, *op. cit.*: 29-30).

Tais publicações editadas quase sem interrupção atravessaram o século XX, períodos de guerras em território europeu, de crescimento econômico, transformações sociais e tempos de “incerteza e crise” – situados segundo Eric Hobsbawm justamente após os anos 70 que marcam o final da “Era do Ouro” (Hobsbawm 1995: 15-16). O trânsito dos temas se fez na esteira dos desenvolvimentos (das ciências, o técnico e o tecnológico) que tocaram também os museus, o projeto da Unesco e do ICOM. Pode-se identificar aí um expediente para manter o profissional de museu atualizado. Na visão de Mairesse, um traço de continuidade numa história de uma “família de prestigiosos ancestrais” (Mairesse 1998: 30).

A *Museum* de 1980 a 1990: temas e capas

A apresentação da *Museum*, de tiragem trimestral, mudou ao longo do tempo. Vale lembrar, como aponta M. Rita Toledo que as

capas (ou coberturas), são informantes da apresentação de um produto, podem significar mudanças de orientação editorial, revelam a identidade de uma coleção, auxiliam a firmar posição no mercado e a vender esse produto (Toledo 2000). Podemos incluir a introdução de recursos tecnológicos inovadores permitindo o tratamento e manipulação de imagens; fatos que podem se aliar aos desejos editoriais.

Publicada em inglês e francês, a partir de 1972,⁵⁶ a comissão editorial comunicou a introdução de resumos em espanhol e russo. Ao Editorial, pode ou não seguir uma introdução (como “Neste número”), acompanhado – e isso é relativamente constante – de uma primeira seção de artigos referentes ao tema em apresentação.

Os títulos das seções não mantêm um mesmo padrão: ora os artigos são seqüenciais sem compor propriamente uma seção, ora são agrupados sob uma denominação adequada ao tema tratado pela revista. Há algumas seções mais constantes como “Tribuna Livre”, “Crônica”, “Restituição e retorno de bens culturais”, mas há flexibilidade para introduzir outros assuntos num mesmo fascículo que não relacionados ao tema principal.

Um painel dos temas tratados na década de 70,⁵⁷ cujas capas são ilustradas somente com a denominação da revista, bem ilustra a preocupação editorial em manter a sincronia entre o papel dos museus em relação à sociedade e as questões mundiais em voga no período, como os assuntos de natureza prática. Um aspecto a ressaltar é o do alcance geográfico e, um outro, a passagem (e divulgação) dos temas aqui considerados teóricos ou diretivos. Sobre esses temas, durante a década de 70, a revista noticia o encontro e o conceito de “museu integral” desenvolvido durante a Mesa Redonda de Santiago do Chile, ocorrida em 1972. Mas, esse não é o ponto de força da revista.

Durante a década de 70, os artigos cobrem o escopo planejado: divulgar as inovações

(56) O *layout* criado em 1972 permanece até 2001 (Editorial do no. 212 da *Museum International*, vol. 53, no. 4: 3).

(57) Um outro painel de assuntos dessa publicação pode ser acompanhado no vol. I, no. XXV, 1977, com a indexação de 25 anos de publicação entre 1948-1973.

introduzidas nas atividades cotidianas dos museus, como o emprego dos microcomputadores e informatização dos sistemas e procedimentos de documentação (1970/71 e 1978); museu e educação (1972; 1973); o museu e a criança (1979); a profissão, conservação de coleções e exposições itinerantes (1972); museus e coleções (1977); as programações (1979); museus e arquitetura (1976). Ainda dentro desse quadro de cuidados institucionais internos, os assuntos sobre roubo de bens culturais e legislação (1974), a sempre presente conservação de coleções ou bens culturais; as sociedades de amigos de museu (1977); exposições de museu (1978).

Relatos apresentam os mais diversos tipos de museu – museus a céu aberto, museus universitários, museus de ciências naturais, ciências e técnicas (1974); museus de história, agrário, arqueologia e antiguidades (1977); museus nacionais e municipais (1977); novas formas de museus indicando possibilidades que vão se abrindo: museus-vivos, museu de sítio histórico, centros culturais (como o Centro Nacional de Arte e Cultural Georges Pompidou, Paris, França), museu da terra, museu do Homem, ou ainda monumentos e cidades-museus (1977, 1978). Há artigos abordando a relação do museu e sociedade e comunidade com ênfase na situação dos países da América Latina (1972, 1973); museus e meio ambiente; museus e urbanização (1973); museus e desenvolvimento cultural no meio rural. Outros artigos cuidam de temas como museus tradição e progresso (1970/71); museus e turismo (1976); ou dos museus do dito Terceiro Mundo (1973).

Análises são desenvolvidas, reflexões são apresentadas e lançadas aos leitores, projeções são propagadas. Pela *Museum* se realiza um *tour* nos levando a pontos geográficos distantes entre si: da América Latina a Paris, da Ásia e África para Boston (EUA); do Qatar a Milão (não necessariamente nessa ordem). Se essa expansão geográfica demonstra particularidades culturais, simultaneamente detalham-se alternativas desenvolvidas pelos museus para acompanhar questões de seu tempo como o emprego de tecnologias em irradiação internacional. Prova disso é que algumas décadas depois, no início do século XXI, a *Museum International* mantém os cuidados com a atualização das

relações entre museus e tecnologias e museus e sociedade.⁵⁸

As capas (coberturas) nos dão um bom indicio de como são apresentados os temas para o público de divulgação, merecendo por isso comentários.

Em meados dos anos 70, imagens coloridas são introduzidas nas capas para ilustrá-las, substituindo o antigo padrão monocromático, com a impressão unicamente do nome da revista numa linha quebrada e, depois, para uma linha horizontal, facilitando a leitura do título e sua identificação. Essa nova diagramação, sem dúvida, a deixa com aspecto mais chamativo indicando um provável investimento da Unesco na sua apresentação, da mesma forma que o índice recebendo tratamento gráfico auxilia a distribuição das seções.

Com a introdução de imagens, tem-se um elemento a mais para criar associações entre a denominação da revista (*MUSEUM*) e o assunto abordado pelo tema específico. Algumas capas consagram o já consagrado sobre museus: museus e arquitetura, museus e arqueologia, museus e arte, museus e história; museus e etnografia. O sujeito da revista é o museu: museus *de*, museus *com*, museus *para*, museus *e*.

As imagens dessas capas agrupadas podem resultar num jogo de combinações arbitrárias de pares de opostos: antigo/novo; tradicional/arrojado ou, ao inverso, arrojado/tradicional; presente/passado e presente/futuro. No antigo/novo se encaixa o uso de edificação antiga adaptada para museus que apresentaram obras modernas (edificação do século XVII e a obra de Picasso, n.º 151); no par tradicional/arrojado o casamento entre aço e vidro da estrutura de I.M. Pei para o Louvre como fundo do móbil de Alexander Calder (n.º 164); o presente/passado na composição do grafismo moderno da capa para as ‘Lembranças sobre países de expressão Portuguesa’ (n.º 161).

(58) Quatro dossiês formam o primeiro conjunto na entrada dos anos 2000: um sobre os museus e a *Internet* tratando dos museus virtuais, emprego da *web*, informática cultural e interação e cibernética; outro sobre museus universitários (1 e 2), com seções denominadas ‘Perfil’, ‘Inovações’, ‘Exposições’ e ‘Gestão’. Um terceiro dossiê é sobre museus de ciências e tecnologia, com um artigo teórico para explicar o “museu contextual” (de Ivo Janousek). No ano seguinte (2001), o dossiê sobre museus de história social (n.º 1), um exemplar para os museus de casas históricas (n.º 2), um outro dossiê para exposições (produção de conhecimento e exposições; exposições e relações entre culturas e interculturais; os discursos da exposição e novas mídias/novos objetos).

Outras reforçam o típico ou folclórico (como no detalhe de bordado em ponto cruz em desenhos típicos da Hungria, n.º 140); o exótico ao apresentar um grupo de mulheres e crianças em trajes e adornos de uso cotidiano, pés descalços da vila de Kharoro Charan (distrito de Thar Parkar, província de Sind, Paquistão, n.º 139); o precioso em detalhe de um cálice de prata ‘representante dos aristocratas encontrado no túmulo de Gaimonova Magila, região de Zaporzhie. Museu dos tesouros históricos da R.S.S. da Ucrânia’ (vol. XXXIV, n.º 3, 1982), os tesouros numa peça de joalheria de ouro e pedras preciosas da coroa do rei Cristiano IV da Dinamarca, executada em 1596, ressaltada nos seus detalhes destacando a parte central (n.º 160); o raro, ou raríssimo, como conjunto de caixas/ mostruário no formato de livros feitos com cascas de árvores ou arbustos (e portanto, com diferentes essências) para guardar espécimes vegetais da xiloteca da seção botânica do Museu da Terra de Styrie, Áustria, século XIX (n.º 151).

Outras coberturas ressaltam as atividades internas dos museus em imagens que ilustram aspectos de conservação, restauro, montagem de exposições permanentes, temporárias ou vitrines. Os serviços de atendimento ao público (educativos, de monitoria, de atendimento a deficientes), ou temas de interesse bem específico como as profissões de museu. O “novo museu” – os relacionados à Nova Museologia –, está presente nas *Imagens do ecomuseu* (n.º 148) e acentuando a participação da comunidade o tema *O museu e a comunidade* numa imagem que ocupa a capa na frente e verso, com detalhe do quadro de Pieter Brueghel (1564-1638),⁵⁹ cheio de movimento de camponeses e cores (n.º 155).

O museu e a comercialização no exemplar que trata as ‘lojas de museus’ (n.º 157). O museu como lugar de eventos temporários (Festival da Índia, por exemplo, n.º 4, 1982). Os tipos de museus (etnográficos, ecomuseu, de ciência e tecnologia, portuários). Os museus e suas próprias lembranças e seus próprios meios de divulgação (n.º 168, 1990) e a auto-comemoração (cinquenta anos da *Museum*, n.º 163, 1989). Museus e gerações futuras na figura de um jovem *punk* com o sugestivo título ‘O papel educativo nos museus’ (n.º 144); ou no grupo de crianças estudando dentro de uma exposição (n.º

159). Oito temas nomeiam explicitamente museus de países (México, China, Belgrado, América Latina, Kiev, Hungria, Noruega, Portugal), o que não significa que outros não estejam ocultos sob os títulos.

Um outro arranjo temático pode agrupar assuntos relativos aos museus e questões da sociedade em geral, ou como partícipes da Cultura também em geral;

- Museus, homens e sociedades (n.º 1, 1981)
- Museus e deficientes (n.º 3, 1981)
- Convergências culturais (n.º 4, 1981)
- Museus, patrimônio e políticas culturais [da América Latina e Caribe] (n.º 2, 1982)
- Museus etnográficos, princípios e problemas (n.º 139, 1983)
- Museus e agricultura (n.º 143, 1984)
- Museu e a comunidade (n.º 155, 1987)
- Museus e artesanato (n.º 157, 1988) (diz respeito às lojas de *souvenirs* dos museus)
- Museus e o “mundo real” (n.º 162, 1989)
- Museus, analfabetismo e alfabetização... e questões museais no Pacífico (n.º 165, 1990).

Alguns sugerem uma reflexão sobre os próprios museus:

- Museu e interdisciplinaridade (n.ºs 1 e 2, 1980)
- Reflexões e mudanças (n.º 138, 1983) Papel educativo nos museus (n.º 144, 1984)
- Projetos e balanço (n.º 142, 1984)
- Orientações novas (n.º 145, 1985)
- Balanço e reflexões (n.º 151, 1986)
- Projetos e experiências (n.º 153, 1987)
- Evoluções recentes (n.º 159, 1988)

Há quatro títulos que empregam a palavra museologia e seus desdobramentos: *Museologia na Hungria* (n.º 140, 1983); *Lembranças sobre a prática museológica* (n.º 141, 1984); *Arquitetura museal* (n.º 164, 1989) e *Museus, analfabetismo e alfabetização... e questões museais no Pacífico* (n.º 165; 1990).

Na listagem dos artigos da *Museum* indexados no período de 1948 a 1973 (vinte e cinco anos), e de 1984 a 1992 (oito anos – trinta e três anos somados), pode-se agrupá-los nas seguintes categorias temáticas gerais: Museus e Arquitetura; Museus e Administração; Museus e Coleções; Museu Coleta e Aquisição; Museus e Conservação; Museus e Documentação; Museus e Educação; Museus e Desenvolvimento; Museus e Exposições;

(59) *Bauernkirmes*, coleção da Alte-Galerie, Berlin.

Museus e Finanças; Museus Passado e Futuro; Museus e Pesquisa; Museus e Patrimônio; Museus e organismos de gerência internacional; Museus e Restauro; Museus e Sociedade; Museus na Sociedade; Museus e Visitantes; Associações de Museus; Escolas de museus; Escolas para formar profissionais de museus; Política de Museus; Projetos de Museus; Serviços de Museu; Tipos de museus.

Uma análise quantitativa⁶⁰ sobre o volume dos temas indexados nos dá, *grosso modo* – total de assuntos indexados: 554; indexados sob a rubrica “museu” (*museum*): 119 e indexados sob a rubrica “museologia” (*museology*): 6.

O leitor da *Museum* tem um perfil previsível: profissionais de museus. As imagens, percebem-se, são escolhidas de forma a não deixar dúvidas, ou deixar poucas, do laço entre museu e tema. Algumas reforçam a idéia de que museus guardam, preservam, expõem objetos para um público, de que museus guardam o tempo, que são lugar de deleite e aprendizado, de um aprendizado conquistado pelo olho, pelo ver. Esse periódico propagandeia os museus, faz e refaz a sua representação para seus leitores. Para o observador relativamente preparado, as imagens das capas reafirmam a associação entre Museus e Cultura em geral, ou Museus e Arte, ou com objetos de todas as espécies que podem expor.

Considerações finais

O painel de temas confirma que, a *MuWoP/DoTraM* e a *ISS* operam no plano da produção e difusão entre pares; a *Museum*, no da divulgação da ciência. Embora tais publicações tenham propostas diferentes, o menor percentual de temas teóricos da Museologia “icofoniana”, por exemplo, é coerente mesmo que surja menos na revista de divulgação (a *Museum*), pois a produção da teoria é mais complexa, lenta e quantitativamente menor. Corresponde, grosseiramente, ao paradigma que serve como pano de fundo para os temas mais práticos e operacionais, pelo qual as diferenças concretas e os problemas aparecem e devem ser

enfrentados. Sob o aspecto comunicacional (lembramos da espiral de Vogt) os temas da *Museum* envolvem um repertório mais amplo para firmar os mecanismos da cultura científica sem que se limite àqueles exclusivos de uma teoria; ela abrange a variedade e tece a complexidade que apresenta.⁶¹

A diferença na produção de ambas vai se refletir no vocabulário técnico científico e no léxico especializado, com possibilidade de caracterizar a Museologia como área dotada de sua particular linguagem de especialidade – expressão técnica empregada na área de Terminologia para os recortes realizados na linguagem relativos às atividades especializadas. A busca é por uma maior univocidade de significados, objetivo nem sempre alcançado. As características da linguagem natural ficam maximizadas ou minimizadas nessas linguagens, pensa-se em graus, o seu emprego exige maior consciência pois fazem parte do que Sager *et al.* denominam “situações intensificadas” de comunicação (Sager *et al.*, *apud* Cabré 1993: 126).

Uma situação comunicativa específica requer formas discursivas determinadas por especificidades como tema, tipo de interlocutor, situação comunicativa, intenção do falante, o meio em que se produz o intercâmbio comunicativo, o tipo de intercâmbio, e assim por diante. São situações “marcadas”, diz Cabré, com propósitos em mira, distintas das situações “não marcadas” da língua comum (Cabré, *op. cit.*: 129). A virtualidade possível da linguagem natural tende a diminuir nas linguagens de especialidade, condição em que o contexto, determinado por assunto (ou tema), delimita também o escopo de algumas palavras, uma vez que há necessidade de compatibilizar os significados.

Juan C. Sager, como terminólogo, evidencia a importância do vocabulário para transitar no mundo das ciências e das técnicas, além de mediar a prática e introduzir numa área formas de expressão apropriadas, mesmo que o especialista não tenha consciência de sua aquisição. Há diferenças, escreve, dentro de um mesmo ambiente profissional

(60) O cômputo dos dados sobre os temas indexados (os critérios não são explicados na revista) foi realizado por Roberta Amado de Lima, Economia/FEA/USP, em janeiro de 2002.

(61) Essas conclusões foram desenvolvidas juntamente com a Profa. Dra. Maria de Fátima Tálamo (CBD/ECA/USP), orientadora da tese *Da Palavra ao Termo: um caminho para compreender Museologia*, defendida em 26 de maio de 2004, (Capítulo 3, “O contexto das palavras. Publicações, o terreno da difusão e divulgação”) que originou esse artigo.

entre o discurso científico e o técnico, entre o de divulgação e o didático (Sager 1993: 15). A esse mesmo aspecto volta-se Francis H. Aubert explicando que há variações numa mesma comunidade de usuários das linguagens de especialidade, bem como instabilidades, mutações, transformações “no tempo e nos espaços (geográfico, social, situacional e individual) em que as terminologias são empregadas”. As diferenças são geradas quer por motivações variadas, quer pelas de ordem sócio-cultural (Aubert 1996: 13). Além disso, Sager (1993: 14) afirma, nenhum especialista domina uma matéria e nem todo o seu vocabulário. O domínio é parcial no que se refere ao seu idioma, influenciado entre outras razões pela educação, cultura, profissão, procedência geográfica. Para esse autor, a língua não é um instrumento unitário, mas o conjunto de diversas linguagens com vários graus

de especificidades com pontos em comum, elementos fonológicos, morfológicos, em menor grau sintáticos, e “uma coincidência semântica” que vai até o ponto em que permita uma função metalingüística mais geral.

Deduz-se que, ao se operar com a questão terminológica, consideram-se níveis de compreensão e de linguagens. Especialistas da área de Terminologia, caso de Sager e Cabré, afirmam que muitos de nós aprendemos a linguagem de especialidade numa espécie de imersão no ambiente, sem muita percepção desse aprendizado, e mesmo sem prever obstáculos de comunicação com especialistas de outras matérias ou com o público em geral. A difusão do “léxico de Brno” foi se espalhando e surge na revista de difusão, contudo, isso não significa que a inquietação expressa por Sofka tenha sido resolvida.

CERÁVOLO, S.M. “What in heaven’s name is Museology?” Perspectives of Museology through Publications. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 14: 311-343, 2004.

ABSTRACT: ICOFOM (the International Committee for Museology/ICOM) focused on the search for and construction of a body of theory for this field of study, during the mid-1970s and 1980s. By researching specialized periodicals, such as *MuWoP* (Museological Working Papers) and *ISS* (Icofom Study Series) focusing on the circulation amongst peers of ideas regarding the founding of this science, and *Museum* (UNESCO) which targets the general public, it was confirmed that a range of topics contributed and continues to contribute to the scientific culture of Museology. Besides being a strategic means of disseminating information about the theory and of keeping its professionals up to date, these publications help to consolidate museological terminology (specialized lexicon), although in different ways. With reference to communication amongst peers, contrasts can be observed regarding the nature and object of study of Museology that highlight the lack of consensus about the field of study to be covered and the meaning of the words used, thereby influencing the conceptual construction of Museology. During the period studied, the intellectual exchanges focus on the “terminology problem”, associated with the search for and the desire to identify the object of study of museology, research that was instigated by the question: What in fact is Museology? With respect to publications targeting the general public, museum activities are the main focus of the topics discussed and the covers of the magazine, *Museum*, reinforce this idea by displaying well-known art images. Although these publications have different editorial philosophies, strategies, formats and ways of handling the subject matter, which affects the technical scientific vocabulary and specialized lexicon, they present possible approaches to Museology, and reaffirm the fact that this field of study has its own language of specialization.

UNITERMS: Museology – Terminology in Museology.

Referências bibliográficas

- ABC DAS NAÇÕES UNIDAS
1991 Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil, Departamento de Informação Pública das Nações Unidas, 49 p.
- AUBERT, F.H.
1996 Língua como estrutura e como fato histórico-social: conseqüências para a terminologia. I.M. Alves (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. São Paulo, FFLCH/CITRAT: 11-15.
- AUBERT, M.
1948 L' Ecole du Louvre. *Museum*, 1(1): 37-39.
- BAGAHALI, S.A.; BOYLAN, P.; HERREMAN, Y.
1998 *History of ICOM (1946-1996)*. Paris, International Council of Museums, 103 p.
- BELLAIGUE, M.
2000 22 ans de réflexion muséologique à travers le monde. *Cahiers d'études/Study Series. Comité International de ICOM pour la museologie*, 8: 4-5.
- CABRÉ, M. TERESA
1993 *La terminologia. Teoria, metodologia, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antàrdida/Empúres, 529 p.
- CHARTIER, R.
1991 O mundo como representação. *Estudos Avançados*, 11(5): 173-191.
- DAIFUKU, H.
1998 Musées et monuments: le rôle pionnier de l'UNESCO. *Museum International*, 197, 50(1): 9-19.
- FRIN, R.
1998 Museum: “destiné aux musées du monde”. *Museum International*, 197, 50(1): 5-8.
- HOBSBAWN, E.
2000 *Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 598 p.
- LARA, M.L.G DE
2002 *Elementos de terminologia*. São Paulo: CBD-ECA-USP. (apostila para uso didático na Disciplina Lingüística e Documentação).
- MAIRESSE, F.
1998 L'album de famille. *Museum International* 197, 50(1): 25-30.
- MAYOR, F.
1998 Éditorial. Message du Directeur général. *Museum International* 197, 50(1): 4.
- MENSCH, P.
1992 *Towards a methodology of museology*. Zagreb: Universidade de Zagreb. – <http://www.xs4all.nl/~rwa/boek01.htm>, 11/01/2000.
- QUÉ ESLA UNESCO?
1992 Paris, UNESCO.
- SAGER, J.C.
1990 *A practical course in terminology processing*. Amsterdam/Philadeldhia: John Benjamins Publishing Company, 253 p.
- SALLES, G.
1948 *Les Musées de France/The Museums of France. Museum*, 1(1): 37-39.
- SCHÄRER, M.R.
1995 Avant-propos/Foreword. *ISS* (1), s/no.
- SCHEINER, T.
2000 Les multiples facettes de l'ICOFOM. *Cahiers d'étude/Study Series. Comité International de ICOM pour la museologie*, 8: 2-3.
- SOFKA, V.
1988 *The topic and its framework – Guidelines by Vinos Sofka. Museology and Developing Countries – Help or Manipulation? – Museologie et pays en voie de developpement – aide ou manipulation?* Hyderabad – Varnasi – New Delhi, November/novembre: 17.
- 1992 *Museologia – uma ciência a serviço dos museus. Lectures and seminars. Outlines and synopses, definitions, summaries and other material*. MAC/SP, novembro.
- 1995 *My adventurous live with ICOFOM, museology, museologists and anti-museologists, giving special reference to ICOFOM Study Series. ICOFOM STUDY SERIES ISS – Vol. 1-20. Volumes 1-19 by Vinos Sokfa. Volume 20 and reprint edited by Martin R. Schäer*. 1, Reprint – International Committee for Museology: 1-25.
- TOLEDO, M.R.DEA.
2001 *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931–1981)*. Tese de Doutorado, Pontificia Universidade Católica de São Paulo, 295 p.
- VOGT, C.
2003 *A espiral da cultura científica*. www.comciencia.br/reportagens/cultura01.shtml
- WHEATCROFT, A.
1993 La contribución de las publicaciones a la formación profesional. *Noticias del ICOM. Boletín del Consejo Internacional de Museos*, 4(46): 10-11.